

AVENTURAS NA HISTÓRIA

WWW.AVENTURASNAHISTORIA.UOL.COM.BR



URSS: O LEVANTE
HÚNGARO CONTRA A
REPRESSÃO DE STALIN

TÉTRICO MÉTODO DA
GUILHOTINA SURTIU COM
AS MELHORES INTENÇÕES

“EMILIE SCHINDLER FOI
TRATADA COM DESDÉM
POR SPIELBERG”,
DIZ BIÓGRAFA

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

RELIGIÕES AFRO- BRASILEIRAS UMA SAGA DE FÉ E RESISTÊNCIA

Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.

Acesse t.me/BrasilRevistas



Tenha acesso as principais
revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!



PRESIDENTE

Luis Fernando Maluf

DIRETOR EDITORIAL:

Pablo de la Fuente

AVENTURAS NA
HISTÓRIA

EDITORA:

Izabel Duva Rapoport

EDITORA DE ARTE COLABORADORA:

Marília Filgueiras

REVISORA:

Hellen Ribeiro

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

AVENTURAS NA
HISTÓRIA

Entre em nosso Canal no [YouTube](https://www.youtube.com/BRASILREVISTAS) em [Instagram](https://www.instagram.com/BRASILREVISTAS) e [Facebook](https://www.facebook.com/BRASILREVISTAS)

**RELIGIÕES
AFRO-
BRASILEIRAS**

UMA SAGA DE FÉ E RESISTÊNCIA

EDIÇÃO 229

SÃO PAULO
EDITORA CARAS
2022

CULTOS AFRICANOS

O que faz alguém achar que merece mais dignidade do que qualquer ser humano de crença ou origem diferente da sua? O que sustenta um preconceito?

A discriminação de pessoas por causa de sua cor, cultura e religião, entre outros motivos, embora muitas vezes tenha surgido em tempos coloniais ou até milenares, fervilha na atualidade – especialmente no que se refere às expressões de credo de matriz africana aqui no Brasil. É por esta razão que a AVENTURAS NA HISTÓRIA deste mês resgata a luta e a resiliência de personagens que, mesmo difamados, perseguidos e violentados no passado remoto, conseguiram manter a memória cultural e espiritual dos escravizados africanos no país. Graças a eles, suas crenças seguem vivas e recebem

cada vez mais apoio de instituições que buscam abrandar a intransigência religiosa, combatendo os episódios de intolerância que ainda persistem entre nós – um preconceito diretamente ligado ao racismo estrutural em nossa sociedade. Cabe a nós, hoje, a responsabilidade por conhecer e respeitar estas histórias, aprender com elas, e encontrar um caminho mais plural e inclusivo para mudar a realidade de intolerâncias que ainda afeta o Brasil e o mundo.

Boa leitura!

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

Izabel Duva Rapoport
Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Religiões afro-brasileiras : uma saga de fé e resistência / [Editora Caras]. -- 229. ed. -- São Paulo : Editora Caras, 2022. -- (Aventuras na história)

ISBN 978-65-5794-024-2

1. Religiões afro-brasileiras I. Série.

22-110445

CDD-299.60981

Índices para catálogo sistemático:

1. Religiões afro-brasileiras 299.60981

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



30

CAPA: PARA SOBREVIVER AO RACISMO ÉTNICO-RELIGIOSO, AS CRENÇAS AFRO-BRASILEIRAS ADOTARAM ESTRATÉGIAS

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILEVISTAS

6 GALERIA
Mandalas de areia dos monastérios tibetanos

12 HOJE NA HISTÓRIA
Aconteceu em junho

14 ARTE
A Face da Guerra, por Salvador Dalí

16 DÚVIDA CRUEL
De onde vieram as festas juninas?

18 LINHA DO TEMPO
A evolução dos desenhos animados

20 COMO FAZÍAMOS SEM
Asfalto

21 DITO E FEITO
A expressão "Conto do Vigário" deu origem à palavra vigarice

22 ILUSTRADA
O circo que divertiu romanos por séculos antes do Coliseu

58 MEMÓRIA
Cinquenta anos da foto símbolo da Guerra do Vietnã

24 CIÊNCIA
Guilhotina: tétrico método de execução surgiu com as melhores intenções

40 COMUNISMO
Em 1956, a Hungria se rebelou contra a URSS e foi esmagada pelos tanques de Moscou

46 VELHO OESTE
As mulheres que enfrentaram a selvageria e a lei do Velho Oeste defendiam a própria liberdade

50 ENTREVISTA
ERIKA ROSENBERG-BAND

54 PARA ENTENDER
LÍBANO

55 COLUNAS
RODRIGO TRESPACH
RICARDO LOBATO

MANDALAS DE AREIA

A MINUCIOSA E TRADICIONAL CONFECÇÃO DESTAS OBRAS DE ARTE TIBETANA – E SUA IMEDIATA DESTRUÇÃO – SIMBOLIZA A PRÁTICA DO DESAPEGO E ENSINA SOBRE OS VALORES DO CARÁTER TRANSITÓRIO DA VIDA

POR IZABEL DUVA RAPOPORT





Trine em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

PIERRE PERRIN / GETTY IMAGES

CUIDADO E RESPEITO

Usando diferentes ferramentas, os monges tibetanos atribuídos ao projeto podem levar semanas para a construção de uma mandala de areia.

A primeira tarefa, feita por um dos religiosos logo depois da cerimônia de abertura do rito, é desenhar a base da peça de dentro para fora com lápis, régua e compasso. Na sequência, quatro monges debruçados sobre a mesa manuseiam funis metálicos. O que está na mão esquerda contém o pó colorido, que vai caindo na mandala conforme a raspagem feita com o instrumento da mão direita. Concentrados, os artistas variam na intensidade da pressão para controlar as texturas e as profundidades que a obra demanda.



Entre em nosso Canal no telegram: t.me/BRASILREVISTA



MORADA DOS BUDAS

Em sânscrito, mandala significa círculo. Não à toa, cada desenho neste ritual tem seu ponto central circundado por um giro absolutamente simétrico e simbólico. De acordo com a tradição budista, as mandalas representam um palácio sagrado, o elo entre os seres terrestres, o Universo e a divindade. Neste caso, são associadas aos budas – palavra que denota não apenas ao mestre religioso que viveu em uma época particular, mas toda uma categoria de seres iluminados que alcançaram a realização espiritual da doutrina.



em nosso Canal [YouTube.com/BRASILREVISTAS](https://www.youtube.com/BRASILREVISTAS)

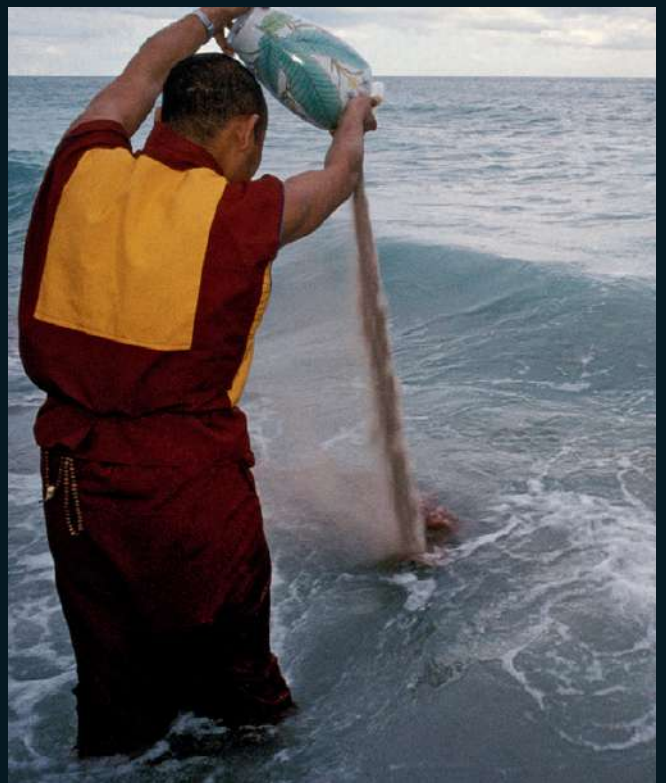
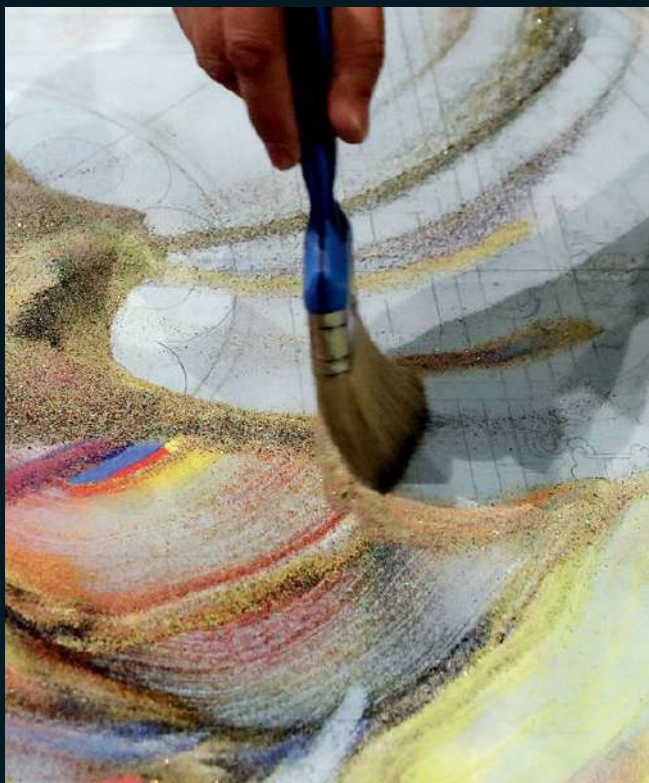
A IMPERMANÊNCIA DA VIDA

Em poucos segundos, os monges destroem o desenho e varrem toda a areia colorida da obra recém-feita para o centro da plataforma, desfazendo o trabalho que lhe custaram o esforço de muitas horas de estudo, práticas e dedicação. O simbolismo desse gesto, segundo o monastério, exercita o desapego das coisas materiais e revela o ciclo da existência, onde tudo acaba para que, inevitavelmente, algo novo nasça. O ritual, no entanto, só termina quando a areia é transportada e lançada em um rio ou mar, cujo objetivo, pela tradição, é espalhar a potência daquele pó abençoado pelo mundo, levando-o de volta ao ciclo da natureza – já que a maioria dos grãos das mandalas vem de pedras encontradas pela Cordilheira do Himalaia, moídas e misturadas com pigmentos naturais.

ERINSTHAAS, PASCAL DELOCHE, FRED DE NOVELLE, JEAN-LUC MANAUD / GETTY IMAGES



Entre em nosso Canal no Telegram: [@BRASILREVISTA](#)



ACONTECEU EM JUNHO

1º É criado o Conselho Nacional do Meio Ambiente no Brasil, o **CONAMA**, para combater os efeitos devastadores da industrialização, como a retirada indiscriminada dos recursos naturais.

2 **Elizabeth II** é coroada na Abadia de Westminster, 16 meses depois da morte de seu pai, o rei George VI. É a monarca que ocupa o trono britânico há mais tempo, 70 anos.

3 O governo chinês queima o estoque britânico da substância e dá início à **Primeira Guerra do Ópio**. Mais bem equipada, a Grã-Bretanha vence a China em 1842.

4 A capital do Haiti, **Port-au-Prince**, é ocupada pelos ingleses na luta contra os espanhóis pelo controle do país. Sairiam quatro anos depois.

5 Um artigo, no Centro de Controle de Doenças dos EUA, descreve pela primeira vez um problema que derruba o sistema imunológico humano. Foi o passo inicial para entender a **aids**.

6 O **Teatro Municipal de Ouro Preto**, a casa de ópera mais antiga da América Latina em funcionamento, é fundado nesta data, no dia do aniversário do rei dom José I, de Portugal.

7 Por meio do Tratado de Latrão, a **Cidade do Vaticano**, localizada em Roma, na Itália, torna-se um Estado soberano, teocrático-monárquico, governado pelo papa.

8 Invasores nórdicos desembarcam na ilha de Lindisfarne, Inglaterra, e invadem a abadia que havia lá. É o primeiro ataque dos **vikings** aos cristãos do sul.

9 Após ser convencido por Américo Vespúcio, o papa Paulo III, por meio da bula **Veritas Ipsa**, declara que os índios do Novo Mundo são realmente homens e possuem alma.

10 Surge em Akron, Ohio, nos EUA, o grupo **Alcoólicos Anônimos**, fundado pelo então corretor da Bolsa de Valores Bill W. e pelo médico Robert Smith. Ambos alcoólatras desenganados.

11 Segundo a **Ilíada**, **Troia** é invadida e destruída. Em Esparta, Páris, príncipe de Troia, havia conhecido Helena, mulher do rei Menelau. Ao raptá-la e levá-la a Troia, ele incitou a ira do rei.

12 **Primeira eleição democrática** da Rússia, ainda uma república soviética. Vence Boris Yeltsin, opositor ferrenho do presidente Mikhail Gorbachev.

13 **Martinho Lutero** e **Catarina von Bora** se casam. Ele, líder da Reforma Protestante, e ela, uma freira católica fugida do convento, vão contra o celibato da Igreja Católica ao assumirem a relação.

14 O **Havai** é anexado ao território dos EUA. Até 1894, era governado pela rainha Lili'uokalani – no mesmo ano, virou uma república. A invasão por tropas americanas se deu em 1898.

15 Na Filadélfia, o cientista **Benjamin Franklin** empina uma pipa até uma nuvem, extraindo faíscas e provando que os raios são eletricidade. Outros morreram ao tentar imitá-lo.



Entre em nosso Canal no Telegram: [https://t.me/BRASILIAAS](#)



16 A Espanha declara guerra à Grã-Bretanha e começa o **Grande Cerco de Gibraltar**. A tentativa de capturar a ilha britânica foi perdida em 1783, apesar da Guerra de Independência nos EUA.

17 A **Estátua da Liberdade** chega ao porto de Nova York. Presente da França em comemoração aos 100 anos de Independência dos EUA, um de seus construtores foi Gustavo Eiffel, da Torre Eiffel.

18 Napoleão Bonaparte é derrotado na **Batalha de Waterloo**. Depois de ampliar o domínio francês na Europa, começou a decair com a péssima campanha da Rússia, em 1812.

19 O **Kuwait** declara independência ao Reino Unido. Após o rompimento com a Coroa Britânica, que colonizava o país desde 1899, a indústria de petróleo do Kuwait cresceu enormemente.

20 O boxeador **Muhammad Ali** é preso em Houston por recusar-se a se recrutar para a Guerra do Vietnã. Sua prisão seria anulada pela Suprema Corte.

21 Morre **Leonel Brizola**. Um dos fundadores do Partido Democrático Trabalhista (PDT), foi o único a governar dois estados: Rio Grande do Sul (1959-63) e Rio de Janeiro (1983-87; 1991-94).

22 Os romanos, sob o general Paulo Emílio, vencem a **Batalha de Pydna**, contra os macedônios, liderados pelo rei Perseu, durante a Terceira Guerra Macedônica.

23 Nasce **Cesarion**, filho de Cleópatra e Júlio César, único filho biológico conhecido do ditador. Seria morto aos 17 anos por ordem de Otaviano Augusto, após ser faraó do Egito por 11 dias.

24 Por ordem do imperador Carlos **1322** IV, os **judeus** são banidos da França. Em 1394, eles ainda seriam expulsos novamente, no último banimento realizado pelo país no período medieval.

25 A veneziana **Elena Lucrezia Cornaro Piscopia** se forma em Filosofia na Catedral de Pádua, tornando-se a primeira mulher a receber um diploma universitário.



26 **Elvis Presley** realiza o último show de sua vida, em Indianápolis, EUA. A canção final foi *I Can't Help Falling in Love with You*. O rei do rock morreria em agosto do mesmo ano, aos 42 anos.

27 O Império Britânico toma **1806** **Buenos Aires** no primeiro ataque contra colônias espanholas na região do Rio da Plata. Após cerca de 45 dias, os britânicos foram expulsos com a ajuda do Uruguai.

28 Com o fim da Primeira Guerra em 1918, é assinado o **Tratado de Versalhes**, com a Alemanha assumindo a culpa. Tido como humilhante, o evento foi um dos impulsos para o nazismo.

29 É lançado o primeiro **2007** **iPhone**. O celular foi o primeiro a utilizar tela touch screen, contava com duas câmeras (uma frontal e um traseira) e armazenamento de 4GB ou 8GB.

30 Liderado por Hernán Cortés, **1520** o Império Espanhol toma **Tenochtitlán**, capital asteca. Depois de dominar o local, a Espanha avançou para os países que hoje compõem a América Central.

MORTE INFINITA

OBRA DE DALÍ FOI PINTADA ENTRE O PÓS-GUERRA CIVIL ESPANHOLA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL **POR IZABEL DUVA RAPOPORT**

Rodeada de vibrantes, longas e esganiçadas serpentes, uma cabeça moribunda sem corpo flutua na aridez de um deserto, compondo *A Face da Guerra*, uma das obras mais simbólicas e comoventes do surrealista espanhol Salvador Domingo Dalí Domènech (1904-1989), conhecido por Salvador Dalí. “A cabeça parecendo uma caveira tem todos os orifícios repletos de esqueletos; cada um contém esqueletos e esqueletos-dentro-de-esqueletos, de forma que ela está recheada de morte infinita, um símbolo potente da era dos campos de concentração e assassinatos em massa”, descreve Nathaniel Harris em *Vida e Obra de Dalí*.

Produzida em 1940, após o fim da Guerra Civil Espanhola e em plena Segunda Guerra Mundial, Dalí demonstra nesta tela uma forte repulsa e aversão aos episódios históricos de extermínio. Nesta época, ele partiu de Paris, na Europa (que amava), para se refugiar na Califórnia, nos Estados Unidos, acompanhado de sua esposa, Gala Éluard Dalí (1894-1982), onde permaneceram por oito anos (e onde ele chegou ao auge de sua fama). No entanto, nem a distância física da guerra fez o artista mudar o foco do terror tão trabalhado em uma série de suas artes surreais.

Nesta, além da destruição contínua representada pelo funil de crânios em sofrimento e horror dentro dos olhos e bocas, há uma sombra no canto inferior direito que destaca o rastro de uma mão sobre uma pedra. Na falta de assinatura, há quem diga que esta é a ideia da marca do artista.

A FACE DA GUERRA
 Autor: Salvador Dalí
 Data: 1940
 Técnica: óleo sobre tela
 Dimensões: 79 x 64 cm
 Local: Museu Boijmans
 Van Beuningen
 (Roterdã, Holanda)





ARTS AND CULTURE SILREVISTAS



DE ONDE VIERAM AS FESTAS JUNINAS?

PODE PARECER MEIO MALUCO, MAS A FESTA TEM A VER COM DEUSES GREGOS, EGÍPCIOS, COM A IGREJA CATÓLICA E ATÉ COM O ÂNGULO DA TERRA **POR EDUARDO COSOMANO**

Antes de falarmos sobre quadrilha, fogueira, pamonha e quentão, vamos ter de falar sobre ciência e história. Todo mês de junho, há uma data em que o dia e a noite têm a maior diferença de duração – o solstício. No Hemisfério Norte, é o mais longo dia de todo o ano. Esse é o período da colheita na Europa e, até mais ou menos o século 10, com os últimos pagãos se convertendo, as populações dos campos comemoravam a data e faziam sacri-

fícios para afastar demônios e pragas. “Como a agricultura é associada à fertilidade, cada região celebrava seu casal de deuses específico. Na Grécia, homenageavam-se Afrodite e Adônis. Já no Egito, os votos eram para Ísis e Osíris. E o formato era mais ou menos como a gente conhece, com comida regional, danças e fogueira”, descreveu Lúcia Helena Rangel, autora do livro *Festas Juninas, Festas de São João: Origens, Tradições e História*.

A Igreja Católica, cujo Deus não era homenageado, considerava essas festas como meros rituais pagãos. Mas, como não conseguiu acabar com elas, resolveu adaptá-las ao universo cristão. “Já no século 12, três santos passaram a ser homenageados no mês de junho: Santo



Midsummer Dance at Rättvik, de Kilian Zoll, pintura de 1852, mostra a comemoração do solstício de verão na cidade sueca

Antônio (dia 13), São João Batista (dia 24) e São Pedro (dia 29)”, explicou a antropóloga e escritora. E foi aí que nasceu a festa junina. Três séculos depois, já nos anos 1500, os portugueses chegaram ao Brasil e, junto com eles, suas tradições. “O primeiro registro de festa comemorativa a São João data de 1583, em São Paulo, feito pelo jesuíta Fernão Cardim”, afirmou o professor de cultura popular e cultura midiática Fernando Pereira. As comemorações por aqui foram adaptadas, até porque em junho é inverno, exatamente o oposto – o dia do solstício é o mais curto do ano. “Entre os elementos que foram ‘abrasileirados’ estão os pratos típicos, em geral derivados do milho (ver *boxe acima*), a música e as roupas.”

O MILHO É REI

No Brasil, o cardápio das festas juninas foi adaptado à cultura agrícola local. Quando os portugueses chegaram aqui, rapidamente transmitiram aos índios suas tradições, mas também adotaram algumas. “Milho era um alimento muito utilizado pelos indígenas, ainda mais em junho, época de colheita. Então, desde o século 16, passou-se a preparar para as festas juninas uma série de derivados de milho, como bolos, caldos, pamonhas, bolinhos fritos, curau, milho cozido, canjica, dentre outras muitas variações”, afirmou Fernando Pereira. No século 19, o Brasil passou a receber uma grande leva de imigrantes, que trouxeram para o cardápio da festa algumas especialidades, adequadas também para o clima mais frio dos locais para onde se mudaram. Os tradicionais vinho quente, pinhão e espetos de churrasco, “exportados” para o Norte.



Certo: os santos tomaram o lugar dos deuses e o verão virou inverno, mas por que raios as pessoas se vestem de caipira? Em princípio, a resposta é simples: festa junina é uma celebração rural. A parte problemática é o que se entende como caipira. “A figura do Jeca Tatu, criada por Monteiro Lobato, definia o caipira como indolente, preguiçoso, malvestido, sem dentes e com roupas rasgadas. Esse é o estereótipo que ficou. Como pesquisador, nunca aceitei essa caracterização”, disse o professor. Pereira ainda assim enxerga nas festas juninas um grande símbolo nacional, sobretudo no Nordeste. “Principalmente em Pernambuco e na Bahia, as tradições são mantidas com muito forró pé de serra e acordeão.”

UM SÉCULO DE DIVERSÃO



HÁ CERCA DE MIL ANOS, O ÁRABE ALHAZEN NOTOU QUE O CÉREBRO HUMANO É CAPAZ DE RETER, POR UM INSTANTE, A IMAGEM QUE OS OLHOS ACABARAM DE VER. OITO SÉCULOS DEPOIS, O BELGA JOSEPH-ANTOINE PLATEAU CONSTRUIU UM APARELHO EM QUE A SUCESSÃO RÁPIDA DE FIGURAS DAVA A SENSAÇÃO DE QUE ELAS SE MEXIAM. NASCIA ASSIM UM DOS MELHORES AMIGOS DAS CRIANÇAS E DAS NEM TÃO CRIANÇAS ASSIM: O DESENHO ANIMADO POR HELOÍSA DALL'ANTONIA

1906

ERA UMA VEZ

O produtor americano J. Stuart Blackton cria, ainda na era do cinema mudo, a animação de 3 minutos *Humorous Phases of Funny Faces*, em que um cartunista desenha rostos que ganham vida. Oito anos depois, Winsor McCay montaria *Gertie the Dinosaur*, consolidando o nascimento de um novo formato de entretenimento.

1919

FELINO DA BOLSA

Otto Messmer cria o primeiro astro dos desenhos animados, o Gato Félix. Em *Feline Follies* e *Musical Mews*, o personagem se chamava Master Tom. O sucesso fez com que o gato participasse, já com o nome famoso, de uma nova produção no mesmo ano, *Adventures of Felix*.

1924

O RATO

Max e Dave Fleischer convidam o cinema a cantar com os personagens da série *Song Cartunes*. Os espectadores adoram a interação e muitos títulos são lançados, mas a união de som e imagem evolui de fato quatro anos depois, com o clássico Disney *O Vapor Willie*, terceira aparição de Mickey nas telas.

1930

POR HOJE É SÓ

Para promover suas músicas, a Warner faz desenhos animados com som. Bosko é o primeiro personagem de *Looney Tunes*. Depois viriam Gaguinho (1935), Patolino (1937) e Pernalonga (1940), entre outros.



1940

DUPLA DINÂMICA

William Hanna e Joseph Barbera criam a série *Tom & Jerry*, considerado um dos melhores desenhos já feitos. Desde a estreia em *Puss Gets the Boot*, mais de 150 curtas foram produzidos, mantendo a quase ininterrupta briga de gato e rato que influenciou outros títulos.

1960

IABADABADU!

Hanna e Barbera, já donos de seu próprio estúdio, criam a primeira série animada a fazer sucesso no horário nobre da TV americana. *Os Flintstones*, trama de uma família da Idade da Pedra, conquistam o público com personagens carismáticos e piadas sobre as modernas "máquinas" da época.

1986

CHEGAM OS PIXELS

Com a animação digital *Luxo Jr.*, a Pixar inicia o que muitos consideram a evolução natural da forma de se fazerem desenhos. A luminária se torna logotipo da empresa, que criaria *Toy Story* (1995) e *Procurando Nemo* (2003), entre outros sucessos.

1987

POVO DE SPRINGFIELD

Matt Groening cria para o programa *The Tracey Ullman Show* vinhetas com uma família amarela e esquisita. Dois anos depois, *Os Simpsons* ganham sua própria atração e iniciam uma carreira de enorme sucesso, que inclui 23 prêmios Emmy em suas 19 temporadas ininterruptas apresentadas na TV.

1991

ENCANTO NA ACADEMIA

Estreia nos cinemas a versão dos estúdios Disney de *A Bela e a Fera*. O filme, baseado na história do príncipe amaldiçoado (que teria a aparência de uma fera até aprender a amar e a ser amado), usou técnicas de computador para criar efeitos inéditos. Entrou na história como o primeiro desenho a concorrer ao Oscar de melhor filme.

1999

“MOLHO TÁRTARO!”

O biólogo marinho Stephen Hillenburg cria *Bob Esponja Calça Quadrada*. O desenho vira fenômeno pop e se torna o mais querido entre crianças de 2 e 11 anos. Traduzidas em 25 línguas, as aventuras da esponja de gravata, recheadas de sátiras, agradaram também aos adultos.



ASFALTO

ANIMAIS
FIZERAM
PRIMEIRO
PISO DE
ESTRADAS

POR REDAÇÃO AH

As primeiras vias foram feitas por animais de manada, como búfalos, zebras e elefantes. Era sobre essas trilhas que os homens pré-históricos caminhavam, evitando topadas, escorregões ou pisar em cobras escondidas na vegetação. Em Ur, no atual Iraque, surgiram as primeiras estradas parecidas com as que conhecemos, em 4 mil a.C. Eram feitas com calçamento de pedra.

Os romanos foram os maiores empreiteiros: abriram mais de 85 mil km de estradas. Sim, “todos os caminhos levavam à Roma”. Vinte e nove grandes vias convergiam para a capital. Na Ásia, chineses e persas competiam com um sistema quase tão avançado. O motivo era principalmente bélico: impérios precisavam deslocar grandes exércitos. Mesmo assim, até o século 18 essas vias eram cheias de buracos e irregularidades. A pavimentação era feita com blocos de pedra ou madeira, tijolos, cascalho e areia, com água para dar liga.

O engenheiro escocês John Metcalfe modernizou o processo de construção de estradas e, apesar de cego, pavimentou quase 290 km ao longo da carreira. Em 1787, seu compatriota John McAdam desenvolveu um método que consistia em usar uma camada de peças de pedra quebrada e compactada coberta por uma superfície de pedregulhos menores. Era mais barato, mas retinha água da chuva e sujeira, como excrementos de cavalos. Baudelaire, ao falar sobre as ruas de Paris, menciona o “lodaçal de macadame” com repugnância.

O asfalto, uma substância natural também chamado de betume, é usado pelo homem desde 3 mil a.C., especialmente para vedação. Em 1824, a Avenida Champs-Élysées, em Paris, foi uma das pioneiras no uso do asfalto no solo – misturado com pedras e agregadores que se solidificavam como se fossem blocos de concreto. Um cruzamento do macadame com o betume. As estradas francesas também passaram a usar esses blocos como revestimento. O asfalto recebeu impulso final em 1896, quando Nova York passou a usá-lo como padrão de cobertura em suas ruas.



Entre em nosso Canal no Telegram: [BRASILREVISTAS](#)

“CONTO DO VIGÁRIO”

FORAM TANTOS OS GOLPES, QUE OS EMISSÁRIOS FICARAM FAMOSOS E DERAM ORIGEM AO TERMO ‘VIGARICE’

POR ADRIANA LUI

Desde que existem os ingênuos, sempre houve alguém pronto a se aproveitar deles. Mas quando enganar o outro virou “conto do vigário”? Segundo Vasco Botelho do Amaral, autor do *Grande Dicionário de Dificuldades e Subtilezas do Idioma Português*, foi no século 19. Indo de cidade em cidade e apresentando-se como emissários do vigário, um grupo de malandros dizia-se portador de grande quantia em dinheiro, confiada a eles pelo próprio vigário e guardada numa mala pesadíssima. Para seguirem a viagem, coitados, precisavam de um lugar seguro para guardar o volume.

Pediam em troca uma pequena soma em di-

nheiro, só como garantia. Não é que os portugueses caíam? Foram tantos que os golpes ficaram famosos e deram origem ao termo “vigarice” e seus derivados.

No Brasil, há uma versão segundo a qual, no século 18, uma imagem de Nossa Senhora era disputada por duas paróquias de Ouro Preto: a do Pilar e a da Conceição. O vigário da primeira sugeriu que a santa fosse colocada num burrico a meio caminho dos dois templos – a direção escolhida pelo animal definiria a igreja vencedora. O burro rumou para a igreja de Pilar. Também, pudera, o bichinho pertencia ao vigário vigarista de lá.

CIRCO MÁXIMO

CONSTRUÍDO 600 ANOS ANTES DO COLISEU, “CHARRETÓDROMO” DIVERTIU ROMANOS POR DEZ SÉCULOS

POR MARIANA NADAI

Erguido pelo quinto rei de Roma, Tarquínio Prisco, no século 6 a.C., o Circo Máximo ainda é a maior arena do mundo já construída em capacidade de público. Depois de passar por reformas, sua capacidade chegou a mais de 300 mil espectadores, o que o torna duas vezes maior que o Estádio Rungrado May Day, em Pyongyang, na Coreia do Norte, que pode abrigar 150 mil pessoas e é considerado o maior estádio do mundo, hoje. O Autódromo de Indianápolis, nos EUA, onde anualmente é disputada a famosa prova das 500 Milhas, tem capacidade para 257 mil espectadores. Entre os espetáculos do Circo Máximo, o mais popular eram as corridas, de bigas ou quadrigas – também ocorriam lutas de gladiadores e apresentação de animais exóticos.

Construído entre as colinas de Palatino e Aventino, o Circo Máximo tinha mais de 600 m de comprimento e 118 m de largura. Funcionou até o século 5, quando foi abandonado. Hoje, o que resta da maior arena da história é uma pista coberta de grama – que os atuais romanos usam para fazer *cooper* ou caminhadas de manhã.

MEDIDAS DE SEGURANÇA

Para garantir a segurança dos espectadores, foi construído um fosso, com 3 m de largura e 10 m de profundidade, entre a pista e a arquibancada. O imperador Nero aproveitou o buraco e colocou, em toda a extensão, um cano que girava quando pisado, o que impedia os animais de avançarem sobre a plateia.

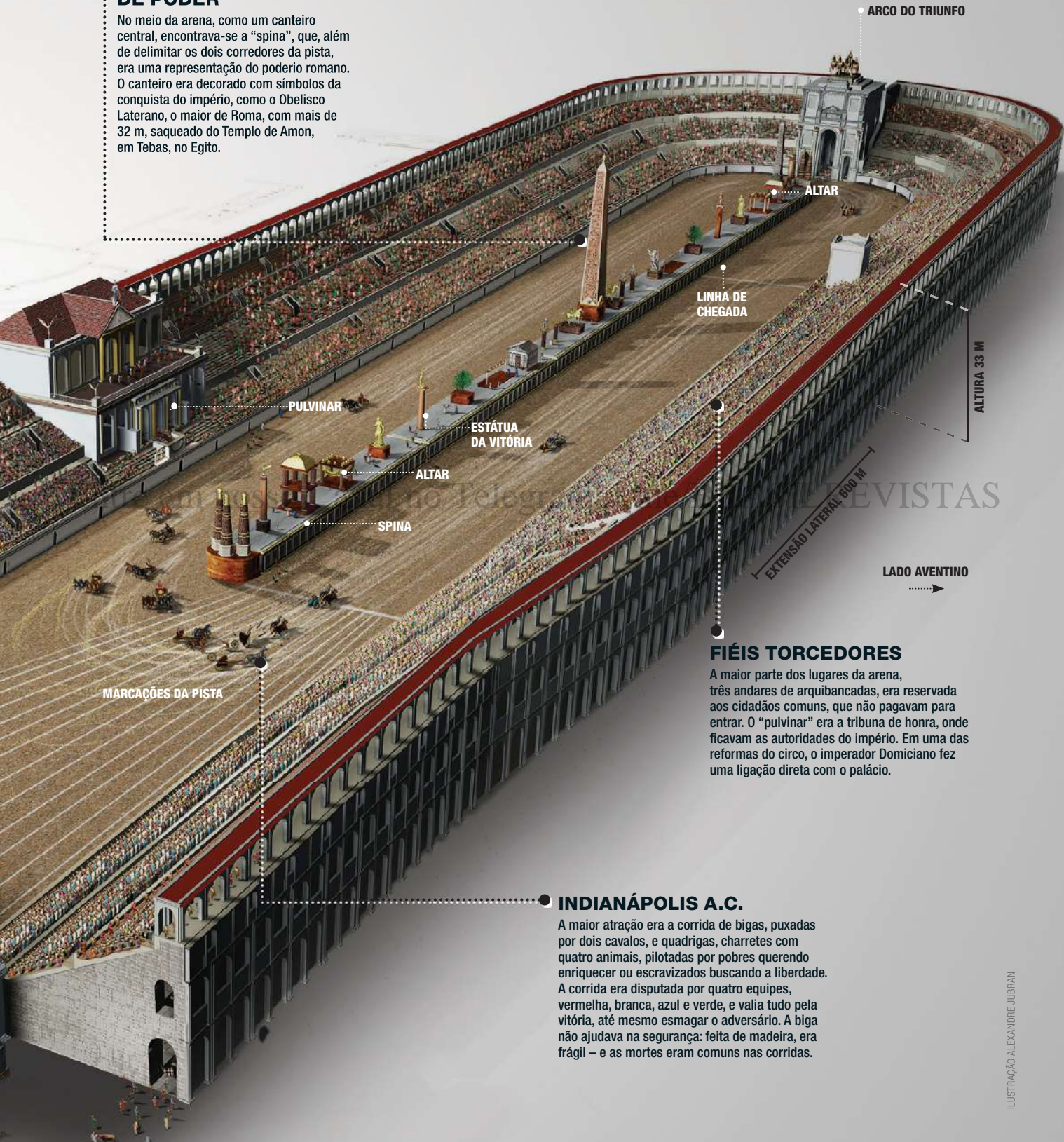
DE PEDRA E MADEIRA

O primeiro Circo Máximo foi feito todo de madeira e acabou parcialmente destruído por um incêndio. Durante sua reconstrução, no ano 30, os romanos utilizaram concreto e mármore, para fazer os três andares de assentos, e madeira para a parte mais alta da arena. No total, o circo passou por cinco restaurações até chegar ao seu tamanho final, 600 x 118 m e mais de 300 mil lugares.



DEMONSTRAÇÃO DE PODER

No meio da arena, como um canteiro central, encontrava-se a “spina”, que, além de delimitar os dois corredores da pista, era uma representação do poderio romano. O canteiro era decorado com símbolos da conquista do império, como o Obelisco Laterano, o maior de Roma, com mais de 32 m, saqueado do Templo de Amon, em Tebas, no Egito.



FIÉIS TORCEDORES

A maior parte dos lugares da arena, três andares de arquibancadas, era reservada aos cidadãos comuns, que não pagavam para entrar. O “pulvinar” era a tribuna de honra, onde ficavam as autoridades do império. Em uma das reformas do circo, o imperador Domiciano fez uma ligação direta com o palácio.

INDIANÁPOLIS A.C.

A maior atração era a corrida de bigas, puxadas por dois cavalos, e quadrigas, charretes com quatro animais, pilotadas por pobres querendo enriquecer ou escravizados buscando a liberdade. A corrida era disputada por quatro equipes, vermelha, branca, azul e verde, e valia tudo pela vitória, até mesmo esmagar o adversário. A biga não ajudava na segurança: feita de madeira, era frágil – e as mortes eram comuns nas corridas.

ILUSTRAÇÃO ALEXANDRE JUBRAN

CIÊNCIA

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

GUILIN

A “SOLUÇÃO

Entre em nosso Canal no Telegram: @REVISTAS

OTINA

HUMANA”

TÉTRICO MÉTODO
DE EXECUÇÃO SURTIU
COM AS MELHORES
INTENÇÕES

POR FERNANDO EICHENBERG

A guilhotina passou por seu grande teste na manhã de 15 de abril de 1792. Às 10h, o instrumento foi montado no pátio do hospício Bicêtre, em Paris, transformado em presídio para receber os inimigos da Revolução Francesa. Dessa vez, no lugar de ovelhas vivas, as cobaias seriam cadáveres humanos. A afiada lâmina separou, a cada vez, cabeça e tronco de três defuntos, comprovando sua eficácia diante de uma plateia de representantes da Assembleia Nacional. Das janelas de suas celas, prisioneiros também assistiram à performance: “É o famoso projeto de igualdade, todo mundo morrerá da mesma maneira”, disse um deles, segundo as crônicas da época. “É o nivelamento”, acrescentou outro. Entusiasmado, o carrasco Charles-Henri Sanson, habituado a execuções bem mais penosas, exclamou: “Bela invenção! Tomara que não se abuse de sua facilidade!”.

A primeira execução pública com o uso da guilhotina ocorreu dez dias depois, em 25 de abril (naquela mesma quarta-feira, o militar Rouget de Lisle interpretava, em Estrasburgo, o seu “Canto de Guerra para o Exército do Reno”, mais tarde rebatizado de *A Marselhesa* e transformado no hino nacional francês). A vítima foi Nicolas-Jacques Pelletier, condenado por roubo e assassinato. No dia seguinte, o jornal *La Chronique de Paris* deu seu veredicto sobre a guilhotina: “Ela não mancha a mão de um homem da morte de seu semelhante e a prontidão com a qual abate o culpado está mais de acordo com o espírito da lei, que pode muitas vezes ser severa, mas que não deve jamais ser cruel”.

A impressão positiva do jornal logo se tornaria uma opinião isolada. Em pouco tempo, a Revolução Francesa abandonou suas belas palavras de ordem e entrou no período chamado de Terror,

em que qualquer suspeito de se opor ao regime podia acabar sem cabeça. No início de 1794, apenas em Paris, cerca de 20 mil condenados foram decapitados – entre eles estava Georges Danton, que havia sido um dos líderes da Revolução.

Posta a serviço do Terror, a guilhotina entrou para a história como símbolo de crueldade e opressão. E pensar que ela nasceu dos sentimentos nobres do deputado e médico Joseph-Ignace Guillotin, nascido em 1738. Grande responsável pela adoção da guilhotina na França, ele queria apenas diminuir o sofrimento dos condenados à morte. Isso é o que conta o historiador francês Henri Pigaillem na biografia *Le Docteur Guillotin* (“O Doutor Guillotin”), que leva o subtítulo “Benfeitor da Humanidade”.

RISOS NA ASSEMBLEIA

Até os 25 anos, o jovem Guillotin seguiu a vontade de seu pai e cursou teologia na Sociedade de Jesus, em Bordeaux. Mas, no início de 1763, abandonou os estudos religiosos para desenvolver sua verdadeira vocação: a medicina. Durante quatro anos, estudou na Faculdade de Medicina de Reims. Ao mesmo tempo, trabalhou como assistente em estabelecimentos que acolhiam crianças abandonadas, idosos, indigentes e deficientes mentais. Sua formação foi completada com cinco anos de estudos na prestigiosa Faculdade de Medicina de Paris. Coberto de títulos, tornou-se professor da instituição e, a partir de 1771, um dos médicos mais reputados da capital. Henri Pigaillem o descreve como um homem laborioso, austero, tímido, casto e honesto. Cobrava caro em seu consultório, mas dava atendimento gratuito aos pobres na paróquia de Saint-Séverin.

Enquanto Guillotin prosperava, a França vivia a indignação crescente contra os privilégios da nobreza. Eles existiam até na hora de ser execu-

tado: delitos iguais eram punidos de modo diferente, dependendo da classe social. Um nobre podia escolher entre a morte pela espada ou pelo machado. Já o cidadão comum era preso a uma enorme roda de madeira, onde tinha suas articulações quebradas, e depois era esquartejado ou morria na forca. Havia penas mais específicas: enquanto os falsificadores de moedas eram jogados em uma caldeira fervente, os hereges eram queimados na fogueira.

Mas a desigualdade estava com os dias contados. Em 1789, diante de intensa agitação popular, as regalias legais da nobreza foram abolidas pela Assembleia Nacional que havia sido convocada pelo rei Luís XVI para fazer pequenas mudanças, mas acabou fugindo ao seu controle. A Revolução Francesa estava apenas começando. Em nome da liberdade e da igualdade, os deputados passaram a transformar profundamente o país. Entre eles estava Guillotin, que conquistara um lugar na Assembleia.

Em outubro, quando os deputados debatiam a reforma do Código Penal, Guillotin apresentou suas propostas, que ele chamou de “artigos filantrópicos”. Propôs que todos os delitos do mesmo gênero fossem punidos com a mesma pena, não importasse o status do culpado. Também sugeriu um só suplício para todos os condenados à morte: a decapitação, “praticada pelo efeito de um simples mecanismo”. Os deputados riram de suas propostas – mal sabiam que, mais tarde, alguns deles experimentariam a fria lâmina da guilhotina. A discussão acabou adiada.

Guillotin não desistiu de acabar com a tortura em praça pública. Em 21 de janeiro de 1790, ao voltar a defender da tribuna o seu projeto, disse: “Senhores, com minha máquina lhes arrancarei a cabeça em um piscar de olhos e vocês não sofrerão. O mecanismo cai como um raio, a cabeça ►



**DOUTOR GUILLOTIN
DEFENDIA A GUILHOTINA
PARA DIMINUIR A DOR
DOS CONDENADOS À
MORTE. O MECANISMO,
PORÉM, VIROU SÍMBOLO
DE OPRESSÃO**



**EM POUCO TEMPO, 50
GUILHOTINAS FORAM
INSTALADAS EM VÁRIAS
PARTES DA FRANÇA
PRÉ-REVOLUÇÃO,
FUNCIONANDO ATÉ SEIS
HORAS POR DIA**

voa, o sangue jorra, e o homem já não existe”. O jornal *Le Moniteur* tomou o partido do médico: “A inovação de colocar a mecânica no lugar de um executor, que, como a lei, separa a sentença do juiz, é digna dos séculos em que vamos viver e da nova ordem em que estamos entrando”.

Em 3 de maio, o deputado Louis-Michel le Peletier de Saint-Fargeau, relator do *Comité de Legislação Criminal*, propôs a abolição da pena de morte. “Não é no século 18 que devemos consagrar um erro de séculos precedentes”, disse aos colegas. Sua proposta foi rejeitada, mas acabou dando novo impulso à discussão sobre a crueldade das execuções. No debate, foi clamada a ideia de que todo condenado à morte deveria ter a cabeça cortada. Guillotin vencera, enfim.

DE MÉDICO A MONSTRO

De acordo com Henri Pigaillen, o doutor Guillotin não inventou o tal “simples mecanismo” decepador de cabeças. Apenas aperfeiçoou algo que já existia. Sua primeira inspiração teria surgido diante de uma gravura do alemão Albrecht Dürer, feita no século 16, na qual o ditador romano Tito Mânlio decapita seu próprio filho com um aparelho semelhante a uma guilhotina. Há registros de que, durante a Idade Média, equipamentos de cortar cabeças já funcionavam na Alemanha. A partir do século 16, na Inglaterra e na Escócia, surgiram versões mais aperfeiçoadas. Elas dariam origem à guilhotina francesa.

Apesar de ter participado do esboço da engenhoca e de ter sido seu grande defensor, Guillotin não acompanhou a construção do primeiro modelo. Mesmo assim, a imprensa francesa se encarregou de batizar o instrumento de “guilhotina” pouco antes de sua adoção oficial, em 1792. Apesar da pitoresca homenagem, Guillotin estava feliz. Afinal de contas, tinha eliminado a dor na

execução e criado a igualdade diante da morte.

Em pouco tempo, 50 guilhotinas foram instaladas em várias partes da França, funcionando até seis horas por dia. Em janeiro de 1793, marcando o fim do regime monárquico, Luís XVI se tornou a mais célebre vítima do instrumento – ironicamente, o próprio rei havia sancionado a lei que instituía o uso da guilhotina, no ano anterior. Em outubro, sua esposa Maria Antonieta teria o mesmo destino.

A guilhotina se popularizou a ponto de ganhar versões em miniatura, feitas de madeira ou marfim e adornadas com detalhes em ouro e prata. Crianças ganhavam guilhotinas de brinquedo, enquanto aristocratas se divertiam decapitando bonecos travestidos de líderes revolucionários. Com desgosto, Guillotin percebeu que seus ideais humanitários e sua imagem haviam sido corrompidos pelos franceses. “Ele quis acabar com o sofrimento dos condenados à morte e jamais imaginou que passaria aos olhos do povo por um criminoso sádico em vez de um benfeitor da humanidade. Vítima da opinião pública, se tornou para sempre o padrinho da horrível máquina”, escreve Pigaillem.

Numa incrível coincidência, um certo doutor Guillotin foi executado pela máquina durante o período do Terror. Não era seu inventor, mas certo J. M. V. Guillotin, médico de Lyon. A confusão criou um mito distribuído amplamente ainda hoje em dia: que o inventor da guilhotina foi morto por ela.

Diante da indiferença geral dos franceses, o doutor Guillotin morreu em 1814, aos 76 anos. Durante sua cerimônia fúnebre, o médico e amigo Edmond-Claude Bourru lamentou: “Infelizmente para nosso colega, sua moção filantrópica deu lugar a um instrumento ao qual o vulgo aplicou seu nome: prova de que é difícil fazer o bem aos homens sem que isso resulte em algum desagrado para si”.

AH

A BATALHA CONTRA A LÂMINA

“Vocês vão cortar vivo esse homem em dois?!”

Com a voz grave e o indicador apontado em sequência para a face de cada um dos jurados, o francês Robert Badinter procurava salvar a vida de seu cliente Patrick Henry, 23 anos, julgado pelo sequestro e morte de um menino de 8 anos. No intento de poupar o réu, naquele janeiro de 1977, o advogado acrescentou: “Chegará o dia em que a pena de morte será abolida, e então vocês dirão aos seus filhos que mataram um homem. E vocês verão os olhares deles”. O discurso surtiu efeito: apesar das pressões das ruas, o acusado escapou da guilhotina e foi condenado à prisão perpétua. Anos mais tarde, em 9 de outubro de 1981, era publicado o decreto de abolição da pena de morte na França, assinado pelo então presidente François Mitterrand. Uma vitória de seu ministro da Justiça, empossado quatro meses antes: Robert Badinter. A cruzada, finalmente, terminara. Antes de extinguir a pena de morte no país da guilhotina, Badinter assistiu à amarga aplicação da sentença. Em 1972, todo seu esforço para inocentar Roger Bontems do crime de assassinato havia sido inútil. Numa madrugada de novembro, Badinter acompanhou o preso até o mórbido altar. Lá, viu o carrasco soltar a pesada lâmina. “Nunca mais encarei a Justiça da mesma maneira”, disse Badinter tempos depois. Nos meses seguintes à morte de seu cliente, ele escreveu um relato cru e humano do embate contra o veredicto fatal: o livro *A Execução*. Era apenas o começo de sua luta. O cardeal Lustiger, arcebispo de Paris, reagiu com dureza: “No futuro, quando a abolição da pena de morte impedir a execução do autor de um crime abominável, será você que, no inconsciente coletivo, tomará o lugar do assassino”. Como ministro, Badinter viu sua família ser ameaçada de morte e assistiu a manifestações pedindo sua demissão. Mas não ficou quieto até silenciar a guilhotina.

UMA SAGA DE FÉ E RESISTÊNCIA



Escreva para nós no WhatsApp: <https://www.whatsapp.com/channel/00299171111111111111> ou Telegram: t.me/BRASILREVISTAS





DIFAMADAS, PERSEGUIDAS E VIOLENTADAS, AS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NECESSITARAM DE RESILIÊNCIA E DE ALGUNS DISFARCES PARA SEGUIREM VIVAS, HONRANDO A MEMÓRIA ANCESTRAL DOS ESCRAVOS AFRICANOS

POR RAPHAELA DE CAMPOS MELLO

O estrondo de “tabaques, pandeiros, canzás, botijas e castanhetas, com tão horrendos alaridos”, a própria “confusão do Inferno”, impediu que o padre Nuno Marques Pereira dormisse “toda a noite”. A queixa fora registrada num livro de sua autoria, publicado em Lisboa, em 1728, com o título interminável: *Compêndio Narrativo do Peregrino da América em Que Se Tratam de Vários Discursos Espirituais e Morais, com Muitas Advertências e Documentos Contra os Abusos Que Se Acham Introduzidos pela Malícia Diabólica no Estado do Brasil*.

Já nessas linhas ele antecipa para o leitor suas impressões sobre o que se passava, a seu ver, na vida espiritual das comunidades negras da Bahia de Todos os Santos à Capitania das Minas. Coisa do diabo, fica evidente. O inferno se repete na parte em que reclama da noite maldormida. O trecho, inclusive, é considerado pelo historiador e antropólogo Luís da Câmara Cascudo o relato mais antigo de que se tem notícia sobre os cultos afro-brasileiros.

No Brasil colonial, as reuniões dos negros, regadas a rezas, cantorias, danças e batuques, além de experiências de transe, eram chamadas de calundus – palavra originada do termo *kilundu*, que, em quimbundo, significa “espírito de um antepassado morto”. O padre Nuno Marques Pereira nos conta mais alguns detalhes sobre esses encontros: “(...) também usam deles cá, para saberem várias coisas, como as doenças de que procedem, e para adivinharem algumas coisas perdidas; e também para terem ventura em suas caçadas, e lavouras, e para muitas outras coisas”.

Ele não estava sozinho em suas impressões contaminadas pela visão de mundo cristã, difundidas pelas missões jesuítas. Antes dele, o poeta Gregório de Matos, que viveu em Salvador, na Bahia, no século 17, associou, em versos, os calundus à encomenda de feitiços, feitas na calada da noite. “O que sei, é, que em tais danças / Satanás anda metido.” O literato também revela a presença de brancos que iam escondidos aos calundus em busca de boa sorte, cura, prosperidade e, depois, omitiam essas “escapadas” em suas confissões no interior das igrejas católicas. A propósito, tem gente que faz isso até hoje, o que dá a medida do preconceito que ainda atinge as religiões afro-brasileiras, obrigadas a lutarem por sua sobrevivência em pleno século 21.

JORNADA TRANSATLÂNTICA

A religiosidade africana cruzou o Oceano Atlântico junto com os negros escravizados que, por sua vez, partiram de diversas localidades, cada qual influenciada por diferentes matrizes de fé. Da África centro-ocidental foram embarcadas pessoas que já conheciam o catolicismo. Muitas, por sinal, já batizadas e praticantes do culto, de modo que não foi difícil adaptarem-se a essa religião no período da escravidão nas Américas. “As irmandades católicas, por exemplo, são a expressão mais emblemática da prática católica entre os africanos e seus descendentes no Brasil escravista”, aponta a historiadora Valéria Costa, doutora em História Social pela Universidade Federal da Bahia e organizadora, junto com Flávio Gomes, do livro *Religiões Negras no Brasil: Da Escravidão à Pós-Emancipação* (Selo Negro Edições). O Islamismo, por sua vez, foi praticado por um número menor de africanos que vieram da região ocidental, do Golfo do Benin.

O terceiro grupo, portanto, foi o que mais incomodou a ordem vigente na colônia portuguesa. “Os cultos aos orixás e voduns eram próprios dos africanos da área gbe, também no Benin; e as pessoas que cultuavam inquices foram embarcadas nos portos de Luanda e Benguela, na região centro-ocidental. Foram



“O regime escravista também buscava silenciar a memória e a identidade cultural dos cativos”

esses cultos aos orixás, voduns e inquices que deram origem ao candomblé brasileiro”, explica a historiadora.

Indissociável da escravidão, o candomblé foi encontrando brechas para seguir vivo ao lado da cultura europeia e das tradições indígenas. Era inevitável que elas se interpenetrassem, gerando novas religiões, como a Jurema Sagrada ou Catimbó e as diferentes linhas da Umbanda. As três vertentes comungam da “possibilidade de interação com ancestrais, encantados e espíritos por meio dos corpos preparados para recebê-los; um modo de relacionamento com o real fundamentado na crença em uma energia vital; e na modelação de condutas estabelecida pelo conjunto de relatos orais e na transmissão de matrizes simbólicas por palavras, transes e sinais”, conforme traça o historiador Luiz Antonio Simas em *Umbandas: Uma História do Brasil* (editora Civilização Brasileira).

Se, para seus seguidores, essas manifestações eram fonte de cura, beleza e força tanto interior

Entre em nosso Canal Telegram: t.me/BRASILEIRISTAS



Entre em nosso Canal no YouTube: [BRASILREVISTAS](#)

quanto coletiva, aos olhos dos colonizadores e da egrégora católica, conservadora e sedenta por se manter dominante, não passavam de atos subversivos abomináveis. A repressão atacava com virulência fazendo com que, desde os primórdios, o culto aos orixás precisasse vencer a ameaça de ser aniquilado. Sim, porque o regime escravista também buscava silenciar a memória e a identidade cultural dos cativos. O plano, então, era minar os cultos tradicionais africanos, que representavam o elo com o passado anterior ao tráfico e à escravidão. Desse modo, se apagaria, por tabela, o pertencimento, a autoestima, a força e a altivez desses povos.

DA INQUISIÇÃO ÀS DELEGACIAS

Havia uma engrenagem preparada para isso. A vigilância e a punição dos hereges ficavam a cargo da Inquisição ou Santo Ofício, que, no período colonial, teve bastante trabalho, principalmente nas capitanias da Bahia, Pernambuco e Grão-Pará. Um de seus papéis era reprimir

atividades tidas como feitiçarias, curandeirismo, magia, todas elas avaliadas como sendo pactos com o diabo. A menor presença de ervas, preparados, defumações, oferendas ou patuás já poderia encrencar a vida do praticante. Que o diga a angolana Luzia Pinta, mestra calundzeira, famosa na região de Sabará, Minas Gerais, no final da década de 1730. Levada a Lisboa para interrogatório, foi vítima de tortura e posteriormente degredada para o Algarve. Sua sentença: “Leve suspeita de ter abandonado a fé católica”. Teve sorte, pois a maioria dos que foram julgados na mesma leva acabou morta na fogueira.

No seio desse modo de reverenciar o plano divino, existia um pomo de resistência que não se deixou esmorecer. Esse esteio inquebrantável advinha da ancestralidade, ou seja, a ligação dos mortos com os vivos. “Os ancestrais orientam a vida dos sujeitos sociais na África. A religião não estava, portanto, separada da vida política, econômica, cultural e social dos indivíduos. Por isso, os cultos à ancestralidade representavam ►



"Pessoas com características cada vez mais distintas passaram a frequentar os terreiros soteropolitanos"

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILEVISTAS

uma forma de resistência e ligação com as estruturas familiares, étnicas e de parentescos que foram esgarçados com a violência do tráfico e da escravidão”, contextualiza a acadêmica.

Difamadas, deturpadas e perseguidas por causa do racismo étnico-religioso, as religiões de matriz africana precisaram empregar ao longo de sua história em solo brasileiro algumas estratégias de sobrevivência, tais como reduzir ou até remover o som dos tambores para que seus cultos passassem despercebidos, ou então, associar os orixás aos santos católicos, o sincretismo. “Contudo, a resistência mais conhecida é a camuflagem dos *otás*, ou seja, das pedras sagradas que representavam a materialização do orixá, vodum ou inquice por traz de santos católicos, e o enterramento dos artefatos sagrados para despistar das perseguições da polícia, religiões cristãs e elites da época que repudiavam a cultura negro-africana”, destaca Valéria.

Nos subúrbios de Salvador, no século 19, pipocaram denúncias de vizinhos incomodados

com os sons que vazavam dos terreiros de candomblé e, claro, com a natureza do que se passava ali dentro. Macumba. Termo até hoje carregado de carga pejorativa e interpretado pelas lentes do preconceito como algo maléfico, charlatanismo, obra da bruxaria, trabalhos regidos pelo demo. Etimologicamente, entretanto, macumba pode designar tanto um instrumento de percussão semelhante ao reco-reco, na derivação de *mucumbu*, que, no idioma quimbundo, quer dizer “som”; quanto um conjunto de rituais religiosos, originados da palavra *dikumba* – “cadeado” ou “fechadura” – referência a cerimônias secretas de fechamento dos corpos. Há ainda uma terceira possibilidade: o termo viria do quicongo *kumba*, que significa “feiticeiro”.

Entretanto, lá atrás, não havia qualquer esforço investigativo no sentido de elucidar o povo a respeito das origens e reais propósitos das religiões afro-brasileiras. Muito pelo contrário. A própria imprensa contribuía, fazendo com que as distorções se alastrassem. O periódico



baiano *Alabama*, por exemplo, publicado entre 1864 e 1871, rebaixava os terreiros de candomblé pintando vivências de frequentadores e os pormenores dos rituais com tintas nefastas.

Por meio dos registros policiais da época é possível recolher a história de alguns personagens, como Amaro, escravizado liberto. Suspeito de ser “o grande sacerdote dos africanos”, ele foi preso em 1855 em uma incursão policial motivada por rumores de que haveria uma conspiração de escravizados. Dentre os objetos “de crenças” confiscados em sua casa estavam: “figuras, símbolos, sapos mortos e secos, chocalhos, pandeiros e algumas vestimentas”, nos dizeres do subdelegado encarregado do caso. Mesmo destino enfrentou Francisco Antonio Rodrigues, o Vico Papai, negro nascido no Brasil e encarcerado, segundo as autoridades, porque “com embustes e superstições reúne em sua casa africanos escravos para danças e batuques com ofensa à moral pública”. No entanto, eles apenas conduziam cultos de candomblé.

Em julho de 1859, também em Salvador, foram presas 16 pessoas envolvidas com “danças e objetos de feitiçaria”. Dentre elas, homens e mulheres brancos, negros, pardos, escravizados e libertos. “Alguns deles haviam provavelmente obtido a liberdade com dinheiro ganho com práticas divinatórias, curas e outros trabalhos, ou essas práticas complementavam formas mais convencionais de ganhar a vida e a liberdade”, informa o historiador João José Reis no livro *História do Brasil para Ocupados* (editora Casa da Palavra), organizado por Luciano Figueiredo. A saber, as práticas “mais convencionais” às quais ele se refere eram posições como negociantes, quitandeiros, ambulantes e vendedores.

Pessoas com características cada vez mais distintas passaram a frequentar os terreiros soteropolitanos. Um relatório policial gerado depois de uma batida no Pojavá, em 1863, detalha a configuração étnica, social e ocupacional dos que ali estavam: “Havia negros, brancos e mulatos, escravizados e senhores, homens de negócio e vendedores de rua, professores e estudantes, prostitutas e madames, policiais e criminosos artesãos, empregados públicos, padres católicos e políticos”, lista João José Reis. O que todas essas pessoas, tão diferentes entre si, buscavam? “Consultavam adivinhos e curandeiros, compareciam a funerais, ritos de iniciação e festas que celebravam divindades específicas ao longo dos anos”, esclarece.

Como bem lembra a historiadora Valéria Costa, nunca houve nas religiões afro-brasileiras o expediente de se pregar a crença e, assim, tentar converter adeptos de outras religiões. As pessoas eram – e ainda o são – atraídas aos terreiros de candomblé, de jurema sagrada ou casas de umbanda pela própria curiosidade ou porque buscavam – buscam – ali algo que não poderia ser encontrado em outro lugar. “Os sujeitos sociais procuram, por si e não pelo convencimento de outros, essas religiões por inúmeras razões, como saúde, empatia, envolvimento com trabalhos culturais com terreiros que os levam ao encantamento e à possível conversão”, sublinha a autora. ▶

O SÉCULO 20 E AS UMBANDAS

Dentre os mitos fundadores da umbanda, o mais notório é o da anunciação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que sucedeu no raiar do século 20, quando o jovem Zélio Fernandino de Moraes, morador de São Gonçalo, Rio de Janeiro, havia sofrido uma paralisia sem explicação. Desesperados pela cura, os familiares do rapaz levaram-no a uma rezadeira conhecida na região. Diziam que ela incorporava o espírito do preto velho Tio Antônio.

Assim que a entidade deitou os olhos no doente, afirmou que ele tinha dons mediúnicos que precisavam ser aprimorados. Então, em novembro de 1908, ele se dirigiu à Federação Espírita de Niterói, onde não passou despercebido. De repente, interrompeu o culto e levantou-se da mesa dizendo que ali faltava uma flor. Foi até o jardim e retornou com uma rosa branca, que fora colocada num copo d'água e, em seguida, no centro da mesa de trabalho. Depois disso, o jovem incorporou um espírito, contagiando outros médiuns, que começaram a receber caboclos, índios e pretos velhos. Esses “visitantes”, entretanto, incomodaram um dirigente do local. “Um membro da federação inquiriu o espírito que Zélio recebia, com o argumento de que pretos, índios e caboclos eram atrasados, não podendo ser espíritos de luz”, relata o historiador Luiz Antonio Simas. Mas a entidade estava afiada: “Se querem saber meu nome que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim”. Esta teria sido a primeira aparição do fundador da umbanda, termo derivado de *mbanda*, “curandeiro”, em umbundo.

Após este episódio, Zélio fundou em Niterói um centro espírita que se apresentava como umbandista, cristão e brasileiro. Seu nome: Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Com o passar dos anos, surgiram várias outras tendas de linha similar, ou seja, marcada pelo cristianismo e pelo kardecismo. “Esta tradição operará, especialmente a partir da década de 1930, em duas dimensões aparentemente contraditórias: de um lado, se empenhará na tarefa de desafricanizar a umbanda; de outro, terá na centralidade de



seus rituais a incorporação pelos médiuns de espíritos dos indígenas e dos pretos velhos, que ao trabalhar na linha da caridade poderiam cumprir os seus processos evolutivos no campo espiritual”, contextualiza Simas.

Essa vertente passou a se apresentar como uma “umbanda branca” ou “umbanda pura”, pois, assim, ficaria claro que não tinha relação com as macumbas africanas. Uma forma de angariar legitimidade institucional e aprovação social. No entanto, a própria palavra “encruzilhada”, que nomeia a entidade fundadora, remete aos bantos, povos que representaram cerca de 75% das africanas e africanos que entraram no Brasil como escravizados vindos de Angola. Na visão do historiador, esse direcionamento denota claramente a política de branqueamento racial que vigorou no Brasil no período pós-abolição tanto da perspectiva fenotípica como da cultural.

Houve ainda outra cisão que permeou os debates em torno das religiões afro-brasileiras. Nela

Entre em nosso Canal Telegram: t.me/BRASILEREVISTAS



“Pesquisadores elaboraram a ideia de ‘pureza’ para os cultos tradicionais, deslegitimando as demais religiões afro-brasileiras”

BRASILREVISTAS

o candomblé estaria alguns degraus acima da umbanda em termos de fidelidade às origens africanas, sobretudo, na Bahia, marcada pela tradição iorubá. Nas primeiras décadas do século 20, os terreiros de candomblés, inclusive, serviram como laboratórios de intelectuais como Arthur Ramos, Edson Carneiro, Gilberto Freyre, Ulisses Pernambucano e Waldemar Valente. Esses pesquisadores buscavam encontrar um “pedaço” da África no Brasil. “Para tanto, elaboraram a ideia de ‘pureza’ para os cultos tradicionais, deslegitimando as demais religiões afro-brasileiras, como a Jurema Sagrada e a Umbanda. Esta maneira de legitimar e deslegitimar as religiões afro-brasileiras foram utilizadas pela política repressiva e a perseguição étnico-racial na década de 1930”, afirma Valéria Costa.

Em meio a essas discussões despontou uma linha de umbanda com fortes componentes africanos: o omolokô. Originário de remotos cultos bantos que se expandiram no Rio de Janeiro, entre a segunda metade do século 19 e

a primeira metade do século 20, ele também alcançou a Zona da Mata de Minas, bem como algumas áreas do Espírito Santo e de São Paulo. O termo vem de *muloko*, que em quimbundo significa “juramento”.

“Um mergulho nos escritos de Tancredo da Silva Pinto, o Tata Tancredo, permite perceber que o omolokô que ele praticava amalgamava elementos da antiga cabula dos bantos, dos ritos aos orixás jeje-nagôs, das evocações aos espíritos de pretos velhos e caboclos e do catolicismo popular”, relata Simas, referindo-se ao líder religioso, músico e compositor nascido em 1905, em Cantagalo, no Rio de Janeiro. Ele se destacou em sua liderança religiosa por defender uma umbanda popular, enraizada na África. Por isso, bradava: “Terreiro de Umbanda que não usar tambores e outros instrumentos rituais, que não cantar pontos em linguagem africana, que não oferecer sacrifício de preceito e nem preparar comida de santo, pode ser tudo, menos Terreiro de Umbanda”. ▶



Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

A ÁFRICA ENTRE NÓS

Tata Tancredo, inclusive, foi quem incentivou os umbandistas a ocuparem as praias do Rio de Janeiro na noite de 31 de dezembro. “Para ele, a realização de festas públicas ajudava a divulgar a umbanda, fortalecia as redes de proteção social entre os seus membros e criava um ambiente socialmente mais favorável para os praticantes dos cultos afro-indígenas”, informa Simas.

É inegável a penetração das religiões afro-brasileiras não só no imaginário popular como também em práticas que passaram a fazer parte do cotidiano de certos brasileiros, mesmo não sendo iniciados nesses ritos. Benzimentos, oferendas, patuás, expressões linguísticas e fazeres culinários originados dos povos africanos adentraram as casas de muitos católicos, evangélicos, judeus, espíritas, muçulmanos e assim por diante. Impossível apagar um legado tão entranhado na nossa cultura, ainda que a intolerância e a violência, que aumentaram nos últimos anos, trabalhem pela sua destruição.

As contribuições das religiões afro-brasileiras para a sociedade adentraram ainda outros setores, como o ambiental, devido à proteção da natureza, e o social, tendo em vista o respeito à senioridade, já que, nessas tradições, os anciãos conservam a sabedoria e, por isso, são dignificados. Esses espaços também zelam pela autoestima dos adeptos no contexto da esmagadora desigualdade que assola o país. “No terreiro de candomblé, pessoas simples, desvalorizadas na sociedade, são sacerdotes e sacerdotisas, ou ocupam cargos hierárquicos, como Iaquequerê (madrinha), Acipa (padrinho), Ogãs (tocadores dos tambores), Pegigã (ogã que cuida do Pegi), Axogum (Ogã que imola os animais para as oferendas aos ancestrais), entre outros cargos a depender da estrutura organizacional do local”, detalha Valéria. Todas as posições são referências para os mais jovens. Sob as bênçãos dos orixás, os descendentes da Mãe África adquirem respeitabilidade, deferência e honra. **AR**



PRINCIPAIS RELIGIÕES AFRO- BRASILEIRAS

Candomblé

Tem como base o culto de orixás, voduns ou inquices com a ideia de se reverenciar as energias da natureza representadas pelas divindades. Os candomblés são conhecidos por suas nações. Como afirmou o antropólogo e historiador Luís Nicolau Parês, essa classificação foi uma forma de reconstruir os vínculos comunitários esgarçados pela violência do tráfico atlântico e da escravidão. Temos, portanto, as nações Nagô, Ketu, Jejê, Angola, Xambá e suas variações, como o culto jeje-nagô, congo-angola, nagô-xambá. Na Bahia e no Rio de Janeiro são mais comuns os candomblés e as umbandas; no Maranhão, o Tambor de Mina, que cultua voduns; no Pará e no Maranhão, o Babaçuê, que segue a linha jeje-nagô. Em Pernambuco, Alagoas e Paraíba, o Xangô, que é o mesmo culto do candomblé, só que com uma nomenclatura regional. Na Bahia, além do candomblé, temos o candomblé de caboclo, muito semelhante à Jurema Sagrada afro-brasileira de Pernambuco e também da Paraíba.

Umbanda

Originada em 1908, a vertente predominante sintetiza traços dos cultos africanos com elementos das religiões indígenas, do catolicismo e do espiritismo kardecista. Em seus rituais, os umbandistas tocam instrumentos de percussão, entoam cânticos em português e incorporam entidades que aconselham as pessoas, além de indicarem trabalhos de cura e limpeza espiritual. Também cultuam orixás e santos católicos. Tem forte atuação no sul e no sudeste do Brasil e, nos dias atuais, apresenta novas configurações. Por exemplo, a umbanda holística e a umbanda que só trabalha com linha de ciganos ou com a linha de caboclo.

Jurema Sagrada ou Catimbó

A Jurema, culto indígena típico do Nordeste, sobretudo nos estados de Pernambuco, Paraíba e Alagoas, deu suporte à Jurema Sagrada afro-brasileira, na qual elementos africanos, como exus, pomborigas, pretos e pretas velhas; indígenas, como caboclos e caboclas; e europeus, como mestras e mestres, se entrelaçam. Por meio de cantos, danças, infusões, cachimbos e dizeres sagrados, os praticantes fazem contato com o plano espiritual e assim obtêm orientação e cura. A Jurema, árvore da caatinga e do agreste, cuja casca é utilizada na fabricação da bebida ritualística, tem papel central no culto.

LEVANTE HÚNGARO CONTRA OS SOVIÉTICOS

Entre em nosso Canal no Telegram: [t.me/PAULISTAS](#)

EM 1956, OS HÚNGAROS SE REBELARAM CONTRA OS EXAGEROS DE STALIN E FORAM ESMAGADOS PELOS TANQUES DE MOSCOU. CONHEÇA A REVOLTA QUE RACHOU O COMUNISMO MUNDIAL 33 ANOS ANTES DA QUEDA DO MURO DE BERLIM **POR JARDEL SEBBA**

Em 1989, quando o mundo assistiu pela televisão à derrocada do comunismo no Leste Europeu, pouca gente se deu conta de que as manifestações contra o modelo soviético na região haviam começado a ser desenhadas num pequeno país do bloco, pouco mais de três décadas antes. Na Hungria, estudantes saíram às ruas de Budapeste em 1956 para protestar contra a ditadura imposta pelos soviéticos. De acordo com o livro *Hungria 1956... E o Muro Começa a Cair*, assinado por vários autores, em outubro e novembro daquele ano, cerca de 200 mil pessoas se reuniram na maior demonstração de insatisfação de um país comunista diante da poderosa União Soviética. Mas o sonho de autonomia húngara iria durar apenas alguns dias. Na madrugada de 4 de novembro, os manifestantes se viram impotentes

com a chegada dos tanques russos a Budapeste. Comunistas do mundo inteiro, que costumavam bradar contra o imperialismo americano, descobriram, atônitos, a face brutal de outro imperialismo: o soviético.

Para os húngaros, a chegada dos russos era apenas mais um capítulo da história de um país subjugado por invasores há séculos. Desde que Estêvão I estabeleceu o reino da Hungria, no ano 1000, o território fora dominado por mongóis e turcos otomanos e, mais tarde, pelos Habsburgos, da Áustria, quando integrou o chamado Império Austro-Húngaro. Derrotados e separados dos austríacos na Primeira Guerra, os húngaros foram obrigados, em 1920, a doar dois terços de seu território aos vizinhos. Depois de um malfadado ensaio de revolução comunista, o país terminou se aliando à Ale- ▶

A bandeira da Hungria, que à época era estampada com uma insígnia soviética, também foi alvo dos revolucionários de 1956. Cortaram o emblema stalinista do centro, mantendo apenas as faixas vermelha, branca e verde





Grupo de jovens revolucionários armados



Manifestantes queimam a bandeira russa



Multidão cerca estátua demolida de Stalin

manha na Segunda Guerra na esperança de recuperar os territórios perdidos. Derrotados mais uma vez, a União Soviética logo fez questão de colocar o país em sua zona de influência, assim como fez com os outros países do Leste Europeu no pós-guerra.

No início, tudo parecia normal no país: a Hungria continuava permitindo o multipartidarismo e o Partido Comunista Húngaro mantinha apenas o controle do Ministério do Interior, o que significava, na prática, o controle do aparelho policial. Mas, a partir de 1947, as coisas esquentaram entre EUA e URSS e a Guerra Fria levou os comunistas a mudarem de postura: dali em diante, todos os países do Leste teriam que rezar pela cartilha de Moscou.

Para comandar a Hungria, os soviéticos escalaram comunistas húngaros que haviam morado em Moscou. Entre eles, Imre Nagy e Má-

os preços subiram, jogando ainda mais para baixo a qualidade de vida de um país que tinha um enorme déficit habitacional (264 habitantes para cada 100 quartos disponíveis) e a proporção de um automóvel para cada 500 habitantes (enquanto na Inglaterra, por exemplo, essa taxa no período era um para dez). Até o embaixador soviético no país, J. Kiseljov, alertou seus compatriotas de que aquilo não ia acabar bem.

Em 1953, Josef Stalin morreu e, com ele, o culto ao seu poder. O enterro do stalinismo se deu definitivamente em fevereiro de 1956, durante o 20º Congresso do PC soviético, quando Nikita Kruchev fez seu histórico pronunciamento condenando os excessos do stalinismo, prometendo a recuperação dos valores da “democracia socialista”. Parecia a senha de que os países comunistas precisavam para construir um socialismo com cara própria. Em todo o

PARA COMANDAR A HUNGRIA, OS SOVIÉTICOS ESCALARAM HÚNGAROS EXTREMAMENTE LEAIS A MOSCOU, GERANDO UM CULTO STALINISTA QUE RENDEU PERSEGUIÇÕES, EXÍLIOS, VIOLAÇÕES DOS DIREITOS HUMANOS E FECHAMENTO DO PAÍS PARA O RESTO DO MUNDO

tyás Rákosi, este segundo na condição de dirigente principal do país. Culto, inteligente, duro e extremamente leal a Moscou, o líder húngaro Rákosi era tão fiel a Stalin que, na festa de 70 anos do ditador, teve lugar garantido ao lado do aniversariante. Para o povo húngaro, esse culto stalinista rendeu perseguições, exílios, violações dos direitos humanos e fechamento do país para o resto do mundo. As húngaras, acostumadas a ter Viena e Paris como referências de moda, tiveram de se voltar para as soviéticas, cuja maneira de vestir estava estagnada havia três décadas. A polícia política vigiava, forjava provas e torturava qualquer cidadão suspeito de ser simpático a “reformas burguesas”. No total, estima-se que 600 mil húngaros foram condenados entre 1948 e 1953. A repressão era tão forte que, em 1951, o líder Rákosi mandou 21 dirigentes do próprio partido para a cadeia. A produção agrícola caiu e

bloco comunista, trabalhadores se sentiram encorajados a se manifestar, mas logo aprenderam que a tal democracia socialista não era assim tão democrática. Na Alemanha Oriental, por exemplo, uma manifestação de trabalhadores no dia 17 de junho de 1956 foi duramente reprimida, resultando na morte de 51 pessoas. Onze dias depois, foi a vez de os poloneses se manifestarem na cidade de Poznan, onde morreram 54 pessoas.

Em meio a esse clima de insatisfação, os soviéticos derrubaram o durão Rákosi do poder da Hungria e colocaram Ernő Gerő em seu lugar. Em 19 de outubro de 1956, encorajados por uma vitória do PC polonês frente ao comando soviético, os húngaros acreditaram que poderiam fazer o mesmo. Três dias depois, integrantes da juventude comunista montaram um grupo dissidente e marcaram para o dia seguinte uma manifestação em apoio aos ►

poloneses. É o início da revolta. Mas, enquanto escritores e intelectuais lutavam por um modelo socialista adaptado à realidade húngara, os estudantes resolveram pedir mais: eleições multipartidárias, imprensa livre e retirada das tropas do Pacto de Varsóvia, organização militar do bloco comunista. No fim do dia 23 de outubro, a rebelião já havia reunido 200 mil pessoas. Na porta da Rádio Budapeste, o protesto pacífico virou uma batalha campal que se espalhou país adentro. Às 21h30, a estátua de Stalin foi derrubada. Às 23h, os manifestantes fizeram com que o dirigente do Partido Comunista Imre Nagy, considerado mais sensível às reivindicações do povo húngaro, fosse alçado ao posto de primeiro-ministro, apesar de Gerő permanecer como primeiro-secretário do partido. A situação era confusa. Em 24 de outubro, foi anunciada, junto com a nova junta de poder,

no mesmo dia em que estourou a crise do Canal de Suez no Egito, cuja nacionalização fez com que ingleses e franceses traçassem planos de invadir o país. Se os países ocidentais podiam invadir uma nação árabe, como poderiam evitar que os soviéticos sufocassem uma rebelião na vizinhança?

Anos depois, documentos liberados pelo governo soviético revelaram que o Kremlin decidira pela intervenção militar no dia 31 de outubro. Enquanto Kruchev havia comunicado seus planos de invasão a outros líderes comunistas no dia 2 de novembro, Moscou continuava “negociando”, um dia depois, a retirada de suas tropas da Hungria. Quando o ministro da Defesa húngaro voltou a conversar com os militares russos sobre esse tema por volta das 22h do dia 3 de novembro, foi preso. Naquela madrugada, a chamada Operação Turbilhão en-

DEPOIS DA MORTE DE STALIN, ENQUANTO ESCRITORES E INTELLECTUAIS LUTAVAM POR UM MODELO SOCIALISTA ADAPTADO À REALIDADE HÚNGARA, ESTUDANTES RESOLVERAM AMPLIAR AS REIVINDICAÇÕES. ERA O INÍCIO DA REVOLTA POPULAR

a proibição de reuniões públicas e a implantação do toque de recolher. Os rebeldes não obedeceram e tampouco a polícia reprimiu os manifestantes. Na verdade, o líder Imre Nagy ainda hesitava em apoiar os rebeldes. Até que, em 28 de outubro, ele deu uma guinada em direção aos manifestantes: nomeou para o governo ministros não comunistas e chamou o movimento de “do povo”, em contraponto a Moscou, que via os manifestantes como “fora da lei”. No dia 30, o multipartidarismo voltou à ordem política da Hungria. Mas o Exército Vermelho já estava alerta.

Apesar de negativas do embaixador russo, o Exército de Moscou começou a ocupar o aeroporto de Budapeste alegando que precisava transportar os feridos da rebelião. Diante da ameaça soviética, Nagy enviou um pedido de apoio à Organização das Nações Unidas. Mas, para o azar dos húngaros, o pedido foi enviado

trou em ação e, antes do almoço, a Hungria estava dominada. O novo governo húngaro, apoiado pelos soviéticos, encontrou alguma resistência armada até meados de novembro, tendo que negociar com comitês e conselhos até dezembro de 1956. A partir daí, acabou a conversa e veio a repressão.

Em janeiro de 1957, os húngaros contabilizavam 2500 mortos e 20 mil feridos. Mas as cicatrizes foram expostas para todo o mundo, inclusive no Brasil (*veja quadro na página ao lado*). A fé no socialismo como projeto humanista estava abalada. Comunistas de carteirinha como o cantor francês Yves Montand e o escritor Jean-Paul Sartre condenaram a invasão. O historiador inglês Eric Hobsbawn assinou na ocasião, ao lado de outros renomados intelectuais, um manifesto de repúdio à invasão que o jornal do PC britânico se recusou a publicar. Era o início do fim. **AM**

Tanques soviéticos cruzam Budapeste



Entre em nosso Canal no Telegram



Corpos de húngaros mortos pelo combate nas ruas

LEVANTE NO LESTE, RACHA NO BRASIL

Enquanto os comunistas brasileiros estavam discutindo as denúncias feitas contra Stalin por Kruchev, em fevereiro de 1956, a explosão da rebelião húngara, em outubro, agravou a crise interna pela qual o partido passava. Oficialmente, o PCB redigiu um documento intitulado “Resolução sobre a Situação da Hungria”, de 24 de novembro, apoiando os soviéticos e chamando a revolta de “levante fascista contrarrevolucionário”. Enquanto repetia o discurso de Moscou, internamente o racha no partido se aprofundava entre os que defendiam o abandono da linha sectária (e a aliança com outros setores da sociedade) e os que, como Luís Carlos Prestes, defendiam a volta à linha ortodoxa. O levante húngaro fez com que alguns intelectuais deixassem o PCB. Entre eles estava o escritor Jorge Amado, que chegou a se pronunciar com veemência sobre a questão em um artigo intitulado “Mar de Lama”. A divisão de opiniões terminaria gerando mais embates. O primeiro deles, dois anos depois, se deu com o documento conhecido como “Declaração de Março de 1958”, no qual o PCB, com o apoio de Prestes, abandonava a linha sectária e cogitava uma aliança com a burguesia nacional. Com a manobra, os mandados de prisão preventiva dos líderes do partido, Prestes incluso, foram revogados. Essa linha de pensamento fez com que, em 1962, um grupo resolvesse abandonar o PCB por este não estar mais interessado na revolução socialista e ter adotado, segundo eles, uma linha reformista. A partir dessa dissidência, e como mais uma consequência da crise interna aprofundada pelos acontecimentos na Hungria, surgia um novo partido comunista: o PC do B.



AS MULHERES DO GATILHO

PISTOLEIRAS QUE ENFRENTARAM A SELVAGERIA E A LEI NO OESTE FORAM PIONEIRAS DA IGUALDADE DE GÊNERO

POR BÁRBARA BRETANHA

O mito do caubói norte-americano, perpetuado pelo cinema e pela literatura, promove a ideia de um homem durão, estoico e calejado, enfrentando sozinho as intempéries e a selvageria de terras recém-colonizadas. A fronteira não atraía apenas figuras como Butch Cassidy e Sundance Kid, mas também legiões de mulheres que fugiam aos padrões esperados. Individualistas de casca grossa, seja por desejo ou necessidade, que também pegaram em armas para defender sua liberdade.

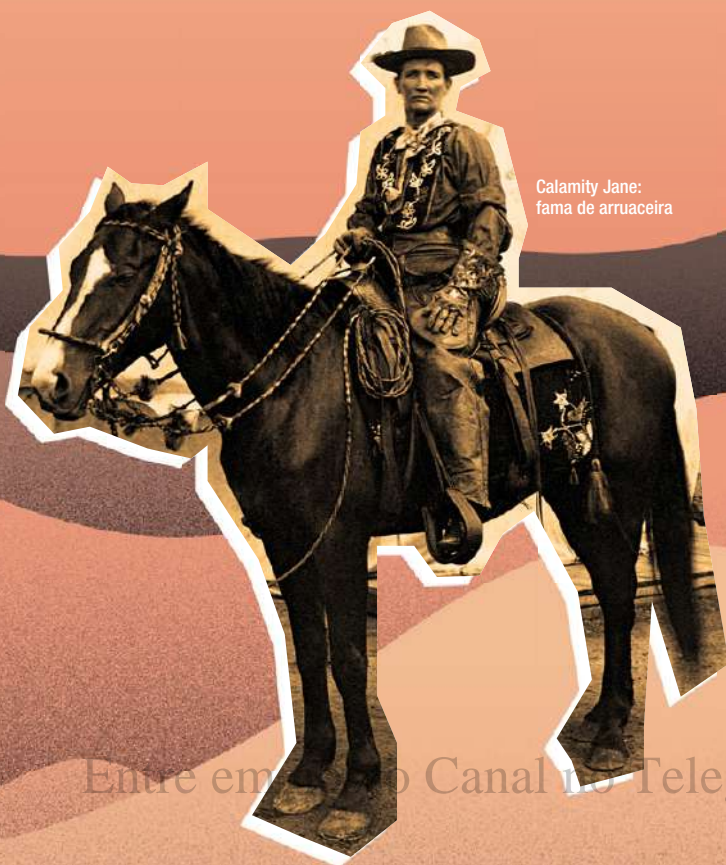
Algumas dessas histórias entraram para o folclore – Calamity Jane e Annie Oakley, por exemplo –, mas havia muitas outras. “Não foram só meia dúzia. As mulheres sempre lutaram”, afirmou a cientista social Carla Cristina Garcia. “No Velho Oeste, os homens eram vaqueiros ou iam para o garimpo; muitas mulheres ficaram

sozinhas e cabia a elas defenderem a si próprias.” Além disso, muitas mulheres que iam para o Oeste queriam escapar de seu passado, outras fugiam das restrições da sociedade do Leste.

TERRA DE BRAVOS

Até meados do século 19, apenas um quarto do atual território dos Estados Unidos, na Costa Leste, havia sido ocupado. Em 1840, a noção do “destino manifesto”, teoria de que os norte-americanos tinham o direito divino de colonizar novas terras, tornou-se um mote expansionista. A descoberta de ouro em Sutter’s Mill, no território de Serra Nevada, na Califórnia, deu um novo impulso ao avanço para o Oeste. Em três anos, mais de 200 mil pessoas migraram para o estado, buscando riquezas.

O Velho Oeste não era tão violento quanto



Calamity Jane:
fama de arruaceira



Annie Oakley,
a Senhorita Tiro
Certeiro

se imagina. Os caubóis eram mais peões do que pistoleiros e passavam longas semanas longe de casa. Os rebanhos eram enormes e a terra árida tornava necessário percorrer grandes distâncias em busca de pasto e água. De dia na sela, à noite dormindo sob as estrelas. A dieta consistia de feijão e carne-seca requentados na fogueira. Se a vida no Oeste não tinha tanto glamour, para Martha “Calamity Jane” (Jane Calamidade) Canary a dureza era um preço pequeno a se pagar pela liberdade.

Martha viajou para o Oeste com 13 anos, acompanhada dos pais. Gostava da companhia de caubóis e caçadores. Perambulou pelo país e imortalizou suas aventuras em uma autobiografia, *A Vida e Aventuras de Calamity Jane*. Sua história foi narrada, já que nunca aprendeu a ler e escrever. Falava de aventuras, embosca-

das, tiros, lutas contra os índios. Sua lista de ocupações menos emocionantes incluía os ofícios de cozinheira e lavadeira. Já mais velha, rodava o país contando seus feitos extraordinários em troca de bebida ou alguns tostões. Sua reputação era a de uma bêbada arruaceira que entrava e saía da cadeia com frequência.

SHOWS DO VELHO OESTE

Com a fama, merecida ou não, de Calamity Jane se espalhando pela região, outra atividade se tornou popular: os shows do Velho Oeste. Eram espetáculos itinerantes com demonstrações de proeza no tiro, cavalgadas e laço. Faziam também propaganda pelo extermínio dos nativos e do expansionismo.

O empreendedor William Frederick Cody, conhecido como Buffalo Bill, era dono do ►

show mais conhecido do país. Ele e seus concorrentes valorizavam os talentos femininos. O espetáculo dos irmãos Miller, por exemplo, empregava 50 mulheres. Ases da sela, May Lillie e Lucille Mulhall se tornaram cowgirls famosas. Mulhall, que se uniu ao show de Bill em 1909, lançava oito cavalos a galope com uma mesma volta de corda.

Foi em 1885, três anos após dar início ao show, que Bill conheceu sua maior estrela: uma jovem atiradora chamada Annie Oakley. Phoebe Ann Oakley Moses, nasceu em Ohio em 1860. Atirava desde os 12 anos. Fez tanto sucesso que, quando a trupe esteve em turnê pela Europa, a rainha Vitória, da Grã-Bretanha, assistiu três vezes ao show. Outro membro da realeza, o kaiser Wilhelm II, da Alemanha, confiou tanto em sua perícia com a arma que deixou que ela a demonstrasse atirando nas cinzas de seu cigarro – enquanto fumava.

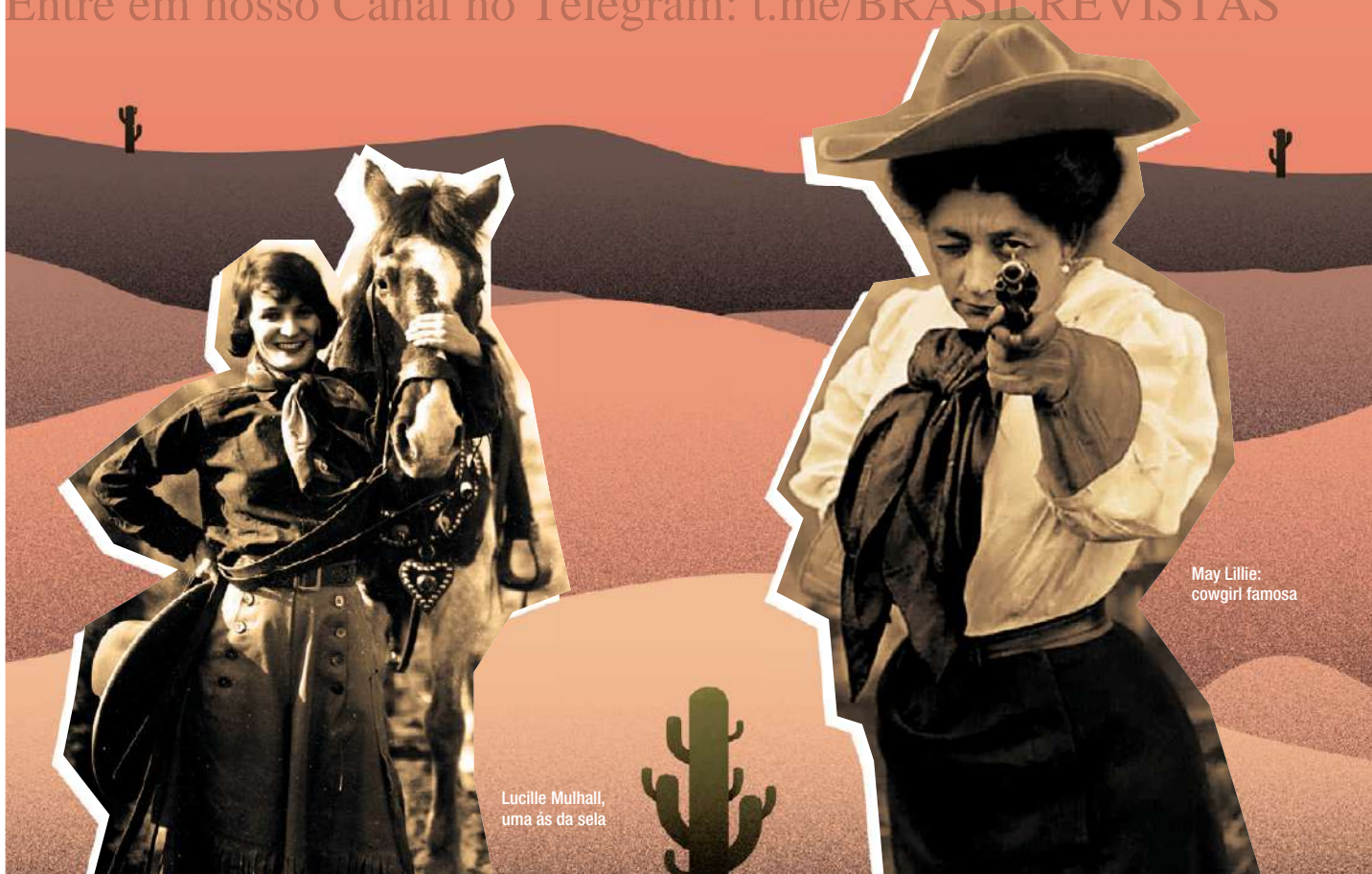
Conhecida como “Little Miss Sure Shot”, ou

“Senhorita Tiro Certo”, Ann levava uma vida pacata fora da arena. Casada, era religiosa e considerava mandar bala uma maneira de mulheres aprenderem a se proteger. Estima-se que tenha ensinado 15 mil mulheres a atirar. Quando morreu, em 1926, deixou muito de seu dinheiro para a caridade, incluindo instituições pelos direitos das mulheres. Annie Oakley nunca usou as armas como ameaça, diferentemente de foras da lei como Rose Dunn e Belle Starr.

TIRO NAS COSTAS

“Entre os notórios caras maus que roubaram, enganaram e assassinaram moradores do centro-oeste entre 1824 e 1936, havia várias meninas más que eram tão desonestas e violentas quanto eles”, descreveu Chris Enss no livro *Bad Girls: Outlaw Women of the Midwest*. Famosa fora da lei, a “Rainha dos Bandidos” Belle Starr era notória pela associação com Jesse James e protagonista de uma extensa lista de atividades

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS



Lucille Mulhall,
uma ás da sela

May Lillie:
cowgirl famosa

ilegais. Belle combinava os vestidos vitorianos com um enorme coldre e um chapéu Stetson masculino adornado com uma pena de avestruz. Quando seu marido foi preso por roubo, Belle deixou os filhos com parentes e passou a assaltar por conta própria. Era procurada por roubar cavalos e gado – crime sério no interior norte-americano. Belle foi julgada e passou nove meses presa. Logo retomaria as atividades criminosas. Aos 40 anos sofreu uma emboscada. Tentou fugir a cavalo, mas um tiro nas costas a derrubou.

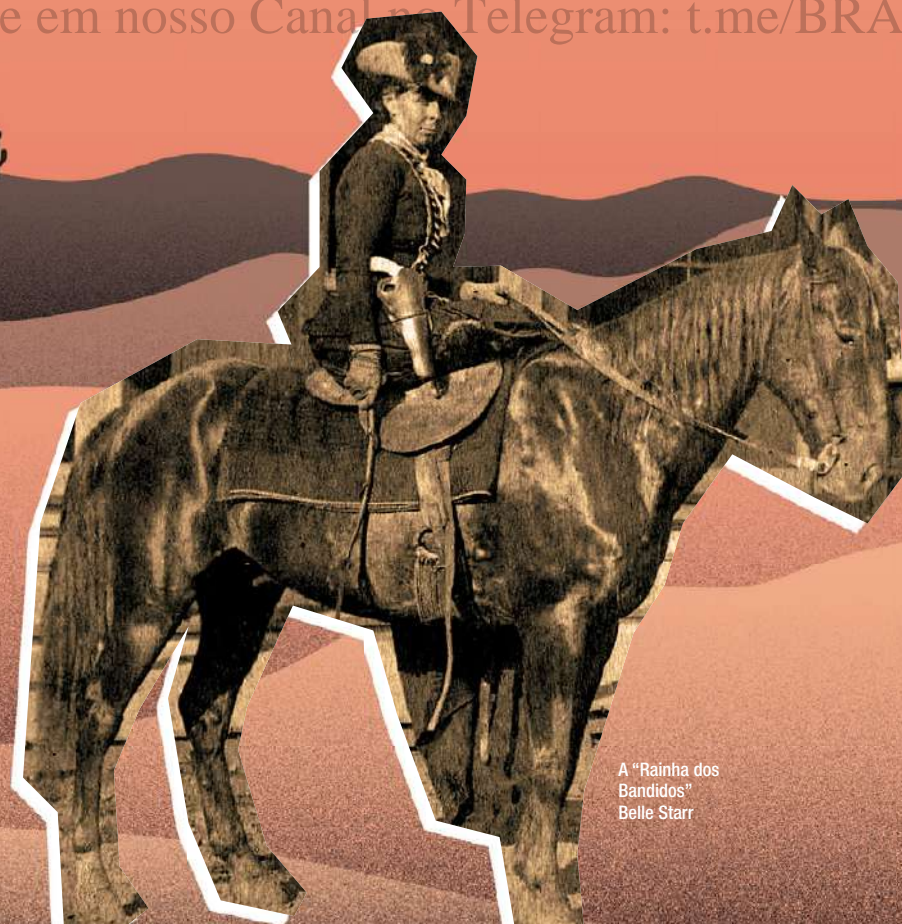
A “Rosa do Bando Selvagem”, Laura Bullion, cresceu no Texas e aprendeu o ofício da bandidagem com o pai, ladrão de bancos. Tornou-se prostituta na adolescência, conheceu a gangue dos foras da lei Butch Cassidy e Sundance Kid e se juntou ao grupo. Em 1901 foi presa por roubar um trem. Após três anos na prisão, abandonou a vida de crimes e morreu como uma respeitável costureira.

ATIVISMO ARMADO

Após a Guerra Civil americana, uma nova emenda foi anexada à Constituição, ratificando o direito ao voto dos homens negros. As mulheres, brancas ou negras, foram, no entanto, deixadas de fora. Mas o sufrágio feminino se beneficiaria desses exemplos de mulheres que defenderam sua independência, mesmo à base de tiros, como Pearl Hart.

Pearl nasceu no Canadá por volta de 1870 e foi para os Estados Unidos em busca de riqueza. Foi presa por um assalto a carruagem. Ao ser julgada, criou polêmica. “Não consentirei em ser julgada sob uma lei para cuja criação meu sexo não teve voz”, disse. A declaração não a livrou de três anos na cadeia. Mas esse modelo de independência presente nas fronteiras fez com que os estados do Oeste abrissem os olhos mais cedo para os direitos femininos. O Wyoming garantiu o sufrágio em 1869. Em 1914, quase todos os estados da região haviam seguido o exemplo. **AH**

Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS



A “Rainha dos Bandidos”
Belle Starr

VIDA DIGNA DE FILME

TRATADA COM DESDÉM NA OBRA *A LISTA DE SCHINDLER*, DE STEVEN SPIELBERG, EMILIE SCHINDLER TEM TRAJETÓRIA DE VIDA TÃO IMPORTANTE QUANTO A DO MARIDO, DEFENDE A BIÓGRAFA ERIKA ROSENBERG-BAND

Ao salvar milhares de judeus dos campos de concentração durante o Holocausto, o empresário Oskar Schindler (1908-1974) tornou-se um dos grandes personagens da Segunda Guerra Mundial. No entanto, seu reconhecimento se deu mesmo décadas depois, em 1982, quando sua memória foi resgatada pelo escritor australiano Thomas Keneally, em *Schindler's Ark (A Lista de Schindler)*. Com o sucesso do livro, que fez do autor vencedor do Booker Prize e do Los Angeles Times Book Prize, o legado de Oskar ficou ainda maior pelas mãos do diretor de cinema norte-americano Steven Spielberg, que adaptou sua história para as telas em 1993. *A Lista de Schindler*, com Liam Neeson como pro-

tagonista, conquistou sete estatuetas do Oscar em 1994 e uma receita de mais de 321 milhões de dólares. Porém, apesar dos bons frutos, a versão de Spielberg peca por deixar de lado uma personagem fundamental na vida e na trajetória de Oskar: Emilie Schindler (1907-2001), sua esposa. “Emilie foi uma mulher que esteve ao lado de Oskar desde o começo, não apenas como esposa, mas também como uma pessoa que foi seu braço direito para a salvação de 1.200 judeus em uma das épocas mais tristes da História”, lembra a judia Erika Rosenberg-Band, biógrafa de origem alemã e uma de suas grandes amigas. Da Argentina, onde mora, conversou com a AVENTURAS NA HISTÓRIA.

Como você conheceu Emilie Schindler?

Quando a conheci, em 1990, não imaginava a história que estaria cruzando. Não sobre a Segunda Guerra, mas sobre a luta dela por seus direitos contra a “história oficial” relatada em *A Lista de Schindler*. Na época, eu buscava informações para escrever um livro sobre imigrações na Argentina. Já estava adiantada com minhas apurações, mas, assim que Emilie me descreveu sua parte no salvamento dos judeus, a história sobre a imigração argentina deixou de me interessar, virando livro apenas 20 anos mais tarde.

Enquanto isso, passei a me ocupar com várias biografias sobre Emilie. Não conheci Oskar Schindler (ele morreu em 1974) e não vi de perto a relação entre eles, mas sei que, em 1957, Oskar voltou à Alemanha para cobrar uma indenização por suas fábricas perdidas. Ele considerava retornar para a Argentina, mas isso não aconteceu. Foi a última vez que se viram. Houve uma troca de cartas entre eles durante algum tempo, até que Emilie, em um determinado momento, percebeu que o marido não voltaria e decidiu rasgar todas suas cartas, além de não lhe escrever mais.

Como você se lembra de Emilie?

Lembro-me dela como uma mulher simples, solidária e muito autêntica, sempre disposta a ajudar as pessoas ao redor e a pensar em como fazer o bem. Desde o início da guerra, esteve ao lado de Oskar Schindler, inclusive quando ele entrou para o Serviço Secreto do Terceiro Reich como espião – condição que ela discordava. A situação era muito difícil para Emilie naquela época, visto que as mulheres não tinham, socialmente, seus direitos reconhecidos. Mas, mesmo assim, ela se impôs. E o ajudava – algo que o filme

de Spielberg não mostra. E ela ajudou polacos e judeus também, ao menos a sobreviver. Escondeu-os, lhes deu de comer e os auxiliou com medicamentos, mesmo sabendo que, a qualquer momento, poderia ser descoberta pela SS e executada, tanto ela quanto seu marido.

Qual o principal ensinamento que Emilie te deu?

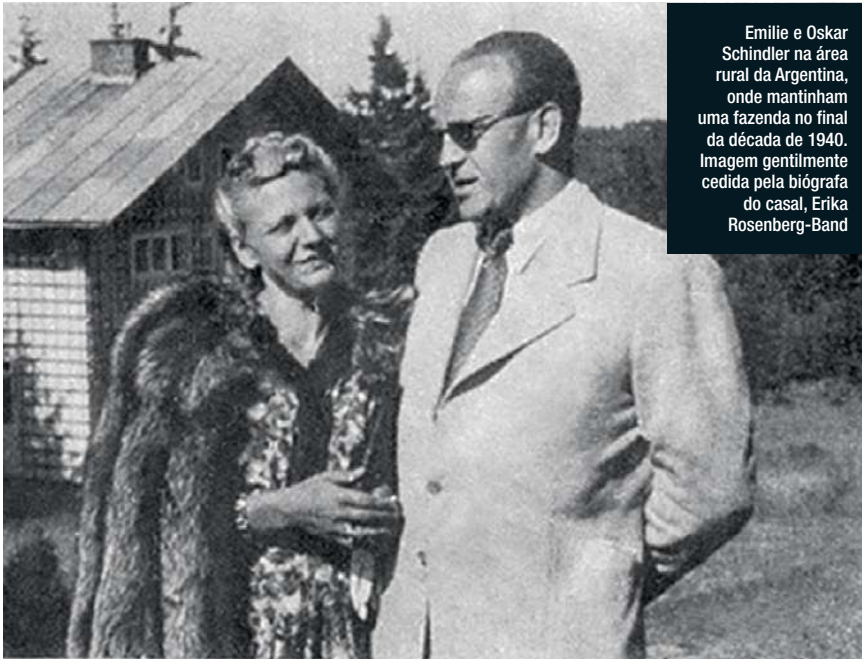
Emilie me ensinou muitas coisas, todas importantes. Sobretudo que temos de buscar o caminho da consolidação e da compreensão entre pessoas de diferentes religiões. Quando nos conhecemos, demonstramos, por nosso caminho no mundo, que esta compreensão entre judeus e cristãos era possível fora do contexto político.

Quando Oskar e Emilie foram para a Polônia, Schindler não tinha, em um primeiro momento, a intenção de salvar judeus. Ela teve alguma interferência nesta mudança? Como conseguiram isso?

Eles começaram a salvar judeus já em 1938. Quando o Exército alemão invadiu a República Tcheca, em 1º de outubro daquele ano, os primeiros perseguidos pelos nazistas foram os judeus, que decidiram fugir para a Polônia sem saber o que lhes



“Quando conheci Emilie Schindler, em 1990, logo demonstramos, por nosso caminho no mundo, que a compreensão entre judeus e cristãos era possível fora do contexto político”



Emilie e Oskar Schindler na área rural da Argentina, onde mantinham uma fazenda no final da década de 1940. Imagem gentilmente cedida pela biógrafa do casal, Erika Rosenberg-Band

uma heroína ou como uma pessoa que fez o que deveria fazer?

Emilie nunca se vangloriou de suas ações. Quando lhe perguntei se havia sido uma heroína, me respondeu que nem ela e nem Oskar haviam sido heróis e que só fizeram aquilo que humanamente teriam que fazer. Para mim, era uma mulher que atuou com muita grandeza, com muita solidariedade e com muita responsabilidade, mas jamais como uma heroína.

Quando Oskar voltou à Alemanha, Emilie ficou na Argentina. Nesta altura, como era a relação deles?

Oskar planejava retornar para a Argentina com uma grande quantidade de dinheiro que teria por cobrar a perda de suas três fábricas. Mas a burocracia alemã o obrigou a postergar seu retorno. A relação dos dois sempre foi com Emilie o respeitando, o querendo, o amando. No entanto, ele a queria à sua maneira, buscando com frequência alguma oportunidade de ter amante.

Ela sabia que não se encontrariam mais?

Emilie não sabia que jamais o veria novamente, tampouco Oskar sabia.

Como Emilie se estabeleceu na Argentina após a partida do marido?

Quando Oskar partiu para a Alemanha, em 1957, eles

esperava. Então Oskar os transportava escondidos no porta-malas de seu carro e Emilie fazia exatamente o mesmo. Conseguiram isso, aliás, porque tiveram sucesso em se esconder e escapar da SS e da Gestapo. Por outro lado, tinham imunidade porque ela também trabalhara no Serviço Secreto. Ambos eram espiões duplos.

Emilie chegou a salvar judeus sem a ajuda de Oskar Schindler?

Em janeiro de 1945, quando a guerra estava perto do fim, um transporte com 120 judeus chegou à fábrica quando Oskar não estava. Se Emilie não aceitasse os presos, o comandante iria fuzilá-los. Ela fez com que descessem do trem... dizia que eram como esqueletos, que não pesavam

nem 30 kg. Emilie os alimentou e salvou a vida deles.

Por que os dois fugiram da Polônia após o fim da guerra e por que escolheram a Argentina?

Em 1944, Berlim resolveu fechar o campo de trabalho em Plaszow, na Cracóvia, e todos os fabricantes tiveram que mudar suas fábricas de lugar. Os Schindler se mudaram para o que hoje é a República Tcheca. Após o fim da guerra, foram para a Baviera, na Alemanha, onde ficaram até 1949. Depois vieram para a Argentina por um convite, um oferecimento, da comunidade judia como agradecimento ao ato da salvação dos 1.200 judeus.

Como Emilie se via a partir dos atos que fez? Como

tinham 1 milhão de pesos de dívida (algo em torno dos 90 mil dólares). Emilie seguiu trabalhando, mas, em 1962, se viu obrigada a vender o pequeno terreno que tinha para conseguir pagar suas dívidas. Sempre teve dificuldades econômicas, tanto que, quando a conheci, senti o dever de ajudá-la a pagar faturas telefônicas, de gás e telefone. Inclusive lhe paguei um voo de ida e volta à Alemanha e seu enterro.

Emilie recebeu algum tipo de reconhecimento por seus atos?

Emilie jamais recebeu algum reconhecimento por seus atos. Em 1992, solicitei à Embaixada Alemã que lhe dessem uma condecoração por parte do governo alemão. Em 1994, ela foi condecorada com a Cruz ao Mérito de Cavaleiro, entre outras condecorações que conseguimos conquistar por meio da Argentina e de outros países. Mas, em questões econômicas, nunca recebeu absolutamente nada.

Por que você acha que Spielberg escolheu não retratá-la no filme?

Ele escolheu não retratá-la, antes de tudo, por ser um misógino que não queria a figura de uma mulher em sua produção. Segundo, porque não queria pagar o que correspondia a ela por direitos próprios [em 1962, pretendia-se lançar um filme com a

MGM, cujo contrato foi assinado considerando Oskar na Europa e Emilie na Argentina. Assim, ambos teriam direito a 5% dos valores recebidos com o filme. Porém a produção não aconteceu. Anos mais tarde, Oskar morreu, até que um novo contrato surgiu na Universal, em que a Emilie – apesar de viva – não estava incluída e também porque ele estava criando uma história que não era a real. Spielberg publica como história “oficial” e, por isso, não precisa de Emilie, que, aliás, recebeu uma carta como se fosse uma judia salva por Schindler. Ao fim do filme, Spielberg ainda coloca que o matrimônio entre Emilie e Oskar fracassou e que eles terminaram se divorciando. É uma vergonha, realmente, que a produção e Spielberg não tenham investigado que ela era viúva.

Em 2011, surgiu a notícia de que o empresário Gary J. Zimet estava tentando negociar uma das “Listas de Schindler” por 3 milhões de dólares. Você foi contra a venda e lutou para que o documento fosse enviado para um museu. Por quê?

Acredito que a lista tenha uma importância histórica e merece estar em um museu, e não emoldurado como um quadro na mão de algum empresário rico em uma mansão de Beverly Hills ou de algum outro lugar do mundo.

“Spielberg escolheu não retratá-la por ser um misógino que não queria a figura de uma mulher em sua produção. E porque não queria pagar os direitos a ela”



Emilie Schindler e Erika Rosenberg-Band

ERIKA ROSENBERG-BAND
É ESCRITORA ARGENTINA
FILHA DE JUDEUS DE ORIGEM
ALEMÃ, TRADUTORA, INTÉRPRETE,
JORNALISTA E BIÓGRAFA DE OSKAR
E EMILIE SCHINDLER (DE QUEM FOI
AMIGA NO FIM DE SUA VIDA)

LÍBANO

CINCO OBRAS PARA ENTENDER O PAÍS QUE HÁ 40 ANOS FOI INVADIDO POR ISRAEL, TRAVANDO A GUERRA DE 1982

1 UMA HISTÓRIA DOS POVOS ÁRABES, Albert Hourani – 2006

Professor da Oxford por décadas, o autor foi um pesquisador britânico-libanês cuja obra traz um panorama mais geral sobre a história da região. Boa indicação para quem está no início do estudo sobre o Oriente Médio e seus intermináveis conflitos entre israelenses, palestinos e seus países vizinhos.

2 OS ÁRABES: UMA HISTÓRIA, Eugene Rogan – 2021

A obra narra 500 anos de história do Oriente Médio, começando com o domínio otomano no século 16, passando pelos períodos coloniais britânico e francês, além da Guerra Fria, até chegar à atual era da hegemonia unipolar americana. Com fontes e textos árabes originais, é ótima porta de entrada para o tema.

3 OS LIBANESES, Murilo Meihy – 2016

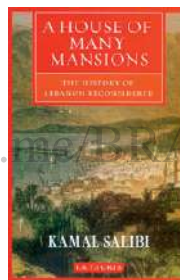
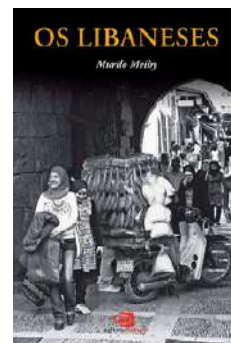
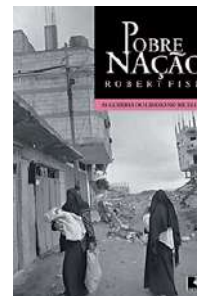
De origem libanesa, o autor brasileiro retrata de forma leve e bem-humorada os principais episódios históricos do Líbano, como as conquistas islâmicas do séc. 7 e a Guerra Civil travada de 1975 a 1990, além da cultura multifacetada, incluindo a culinária e a literatura. Também aborda a migração em massa para o Brasil no séc. 20.

4 POBRE NAÇÃO: AS GUERRAS DO LÍBANO NO SÉCULO 20, Robert Fisk – 2007

Escrito por um dos poucos jornalistas que testemunharam os conflitos libaneses, especialmente do começo dos anos 1980, com a invasão israelense e suas terríveis consequências, este livro combina reportagem de guerra e análise política do autor. Foi censurado no país.

5 A HOUSE OF MANY MANSIONS: THE HISTORY OF LEBANON RECONSIDERED, Kamal Salibi – 2017

Sem edição em português, esta obra analisa uma série de narrativas sobre como a história do Líbano foi escrita. Para o autor, por exemplo, cristãos e muçulmanos entendem o país, um dos mais polarizados do mundo, de forma distinta.



Então, segue no Canal Telegram: t.me/aventurasnahistoria

GRANDES GUERRAS

Bem poucos temas na história atraem tanto o interesse público quanto os dois grandes conflitos mundiais ocorridos na primeira metade do século 20 – a Grande Guerra (1914-1918) e a Segunda Guerra (1939-1945). A destruição causada não tinha precedentes. Num espaço de apenas três décadas, mais de 90 milhões de pessoas morreram. E mesmo a imensa bibliografia produzida sobre o tema parece não ser suficiente para a compreensão do que aconteceu. Arraigado ao senso comum, ainda está o entendimento de que as duas guerras opuseram heróis e vilões em uma luta por liberdade e paz. Mas isso não é verdade. A complexa teia de eventos e relações que desencadeou o cataclisma de 1914-1945 já estava em curso muito antes de seu início, e teve desdobramentos que ainda hoje se fazem visíveis, não só no cenário político dos países diretamente envolvidos, mas em diferentes sociedades, por todo o globo.

Com um olhar mais amplo, *Grandes Guerras* (HarperCollins Brasil, 2022) permite a compreensão melhor do chamado “século de sangue” ou “era dos extremos”, um período marcado por ultranacionalismos, regimes ditatoriais, ódio étnico e de classe e políticas de extermínio, respaldados com teorias científicas e sociais pregadas por pesquisadores e ensinadas em universidades.

Durante a Grande Guerra, a luta foi travada entre grandes impérios (com exceção da França, que era uma república). Já durante a Segunda Guerra, muita coisa havia mudado no tabuleiro político mundial: em posição oposta ao expansionismo alemão e japonês estavam potências democráticas (incluindo o emergente Estados Unidos) e o primeiro país socialista do mundo (a União Soviética), aparentes pilares da liberdade e da igualdade dos povos, mas tão predadores quanto

os impérios, ditaduras ou ideologias que combatiam. Depois de 1945, britânicos e franceses, ainda que enfraquecidos, mantinham colônias de exploração espalhadas pelo globo; e o comunismo soviético propagara um pernicioso modelo de ditaduras.

Sem usar de anacronismos, é possível repensar e talvez até mesmo ressignificar alguns conceitos, como liberdade e democracia, bem como refletir sobre ideologias ou doutrinas nocivas e aparentemente distantes ou contraditórias. Quem realmente lutava por liberdade ou era livre e até que ponto as democracias defenderam homens “livres” ao longo dos dois cataclismas do século 20? Para

compreender isso, é preciso conhecer o mundo da época, o que era tido como ciência, o que havia de tecnologia e quais eram os interesses geopolíticos.

Temos errado repetidas vezes ao longo da História. Parte do erro está em não conhecer o passado. A outra

parte está em não aprender com ele. Algo em que a humanidade parece insistir. Desde fevereiro deste ano, um país soberano europeu está sendo paulatinamente destruído por uma grande potência mundial, sob o olhar condescendente de líderes políticos internacionais hipócritas e incapazes de gerenciar crises. Com a ameaça cada vez mais real de uma Terceira Guerra Mundial é mais do que oportuno aprender sobre o passado.

Temos errado repetidas vezes ao longo da História. Parte do erro está em não conhecer o passado. A outra parte está em não aprender com ele

RODRIGO TRESPACH É HISTORIADOR E ESCRITOR, AUTOR DE 16 LIVROS, ENTRE ELES: *GRANDES GUERRAS* (HARPERCOLLINS, 2022)





Entre em nosso Canal no Telegram: t.me/BRASILREVISTAS

A LEGIÃO PARTE 1

Querido(a) leitor(a), a história deste mês é diferente das narradas nas colunas anteriores. É de aventura e heroísmo, de luta por independência e emancipação. Pode parecer que estamos falando de um personagem, um aventureiro talvez, ou quem sabe um explorador? Mas não. O protagonista de hoje não é uma figura só. Na verdade, o “personagem” merece tanta atenção que esta coluna será apenas o começo da história. Para contá-la, cuja epopeia começa na Europa Central, passa pelos campos de batalha da guerra de trincheiras, atravessa as estepes russas e dá a volta ao globo de navio, faremos em duas partes: a primeira, agora em junho, e a segunda no mês que vem. Mas, afinal, depois de uma longa introdução, de quem estamos falando? Nosso protagonista da vez é a Legião Tchecoslovaca.

Não se preocupe se você nunca ouviu falar deles. A história, apesar de rica, não é tão famosa, pois se perdeu na imensidão de acontecimentos do século 20. Apenas nos últimos anos vem sendo resgatada. E tudo começa justamente com um dos eventos mais marcantes daquilo que o historiador Eric Hobsbawm chamou de “Era dos Extremos”, a Primeira Grande Guerra. Voltemos a 1914, quando a Europa ainda era a senhora do mundo e o continente era dividido entre velhos impérios. Nações e povos inteiros viviam sob o cetro de kaisers alemães, imperadores austríacos, czares russos e sultões otomanos. E com o advento da Primeira Guerra, muitas das minorias (nem sempre pequenas) que viviam dentro das fronteiras dos impérios viram no conflito uma oportunidade de emancipação e/ou independência.

É o caso de tchecos e eslovacos. Embora hoje sejam povos de duas nações bem estabelecidas e parte de organizações importantes como a União Europeia e a OTAN, quando a guerra começou, eram apenas parte do muito mais largo Império Austro-Húngaro. Muitos vão se lembrar do nome Tchecoslováquia, a criação advinda justamente do esforço desta Legião que perdurou pela maior parte do século 20, até a separação entre os dois povos com o chamado “divórcio de veludo” em 1993 – lembrando, porém, que o tema desta coluna é o começo da luta pela identidade própria, não o resultado dela.

Pois bem, se na arena política a construção de um Estado tchecoslovaco, emancipado do domínio dos imperadores Habsburgo, só foi possível graças a políticos como o tcheco Tomáš Masaryk e o eslovaco Milan Štefánik; na arena militar, foi a bravura dos mais de 100 mil tchecos e eslovacos que permitiu a emancipação dos povos. Estes, por sua vez, que vieram a ser conhecidos como Legião Tchecoslovaca, não compunham apenas uma legião, mas três agrupamentos distintos, integrados aos Exércitos de alguns dos países da *Entente Cordiale* na Grande Guerra. França, Itália e Império Russo possuíam componentes chamados de “Legião Tchecoslovaca”. Sendo a mais notável a que lutou pelo czar contra alemães e austríacos e, depois de 1917, se viu engajada no conflito entre Brancos e Vermelhos.

A Legião na França começou como um agrupamento de tchecos, morávios – habitantes eslavos da moderna Morávia, a parte mais oriental da República Tcheca – e eslovacos, que se juntaram à Legião Estrangeira Francesa para combater o Império Austro-Húngaro. O que começou com algumas dezenas cresceu tanto que a Legião Estrangeira criou uma companhia (comandada por oficiais franceses) em que a maior parte dos legionários era oriunda desses países. A bravura deles ficou famosa entre os gálicos. Mas depois dos pesados comba-

tes em Arras (1915), a companhia foi dizimada. Seus sobreviventes foram espalhados por várias unidades francesas. Foi só com a entrada dos Estados Unidos na guerra (1917) que, com o alistamento em massa de tchecos e eslovacos do Novo Mundo, a unidade foi refeita, desta vez como um regimento – que no pós-guerra serviria de base para o primeiro Exército tchecoslovaco independente.

Na Itália, que tinha como principal objetivo na guerra conquistar territórios disputados com os austríacos (pasmem) desde os tempos de Napoleão, tchecos e eslovacos foram recrutados dos campos de prisioneiros – vale lembrar que muitos haviam sido convocados compulsoriamente pelo Império Habsburgo ainda no início do conflito. Inicialmente, os italianos pretendiam usá-los apenas como uma unidade simbólica, mais voltada para a pro-

paganda de guerra contra o inimigo. Entretanto, vendo a bravura e ferocidade com que lutavam, decidiram expandir a unidade criando sua própria Legião Tchecoslovaca dentro do Exército Real Italiano. No pós-guerra essa unidade se dividiu. Uma parte se uniu à Legião Francesa e a outra foi empregada

pelos italianos contra a República Socialista Soviética da Hungria, contudo, essa é outra história.

Mas e na Rússia? Quando o conflito começou e a Rússia de imediato declarou guerra à Áustria, em apoio à Sérvia, vários estrangeiros se mobilizaram para defender o czar. Tendo em vista que, fora das fronteiras do Império Austro-Húngaro, a maior quantidade de tchecos, morávios e eslovacos vivia na vastidão das terras do Império Russo, estes logo pegaram em armas. Uma história à parte que começa com a Grande Guerra e se arrasta pela Guerra Civil Russa – justamente o tema do nosso próximo artigo, em que vamos ver como estes homens foram de simples soldados até guardiões da fortuna de Nicolau II. Cenas para o próximo capítulo.

A construção de um Estado tchecoslovaco só foi possível graças à luta e bravura de 100 mil tchecos e eslovacos

RICARDO LOBATO É SOCIÓLOGO E MESTRE EM ECONOMIA, OFICIAL DA RESERVA DO EXÉRCITO BRASILEIRO E CONSULTOR-CHEFE DE POLÍTICA E ESTRATÉGIA DA EQUILIBRIUM – CONSULTORIA, ASSESSORIA E PESQUISA @EQUILIBRIUM_CAP

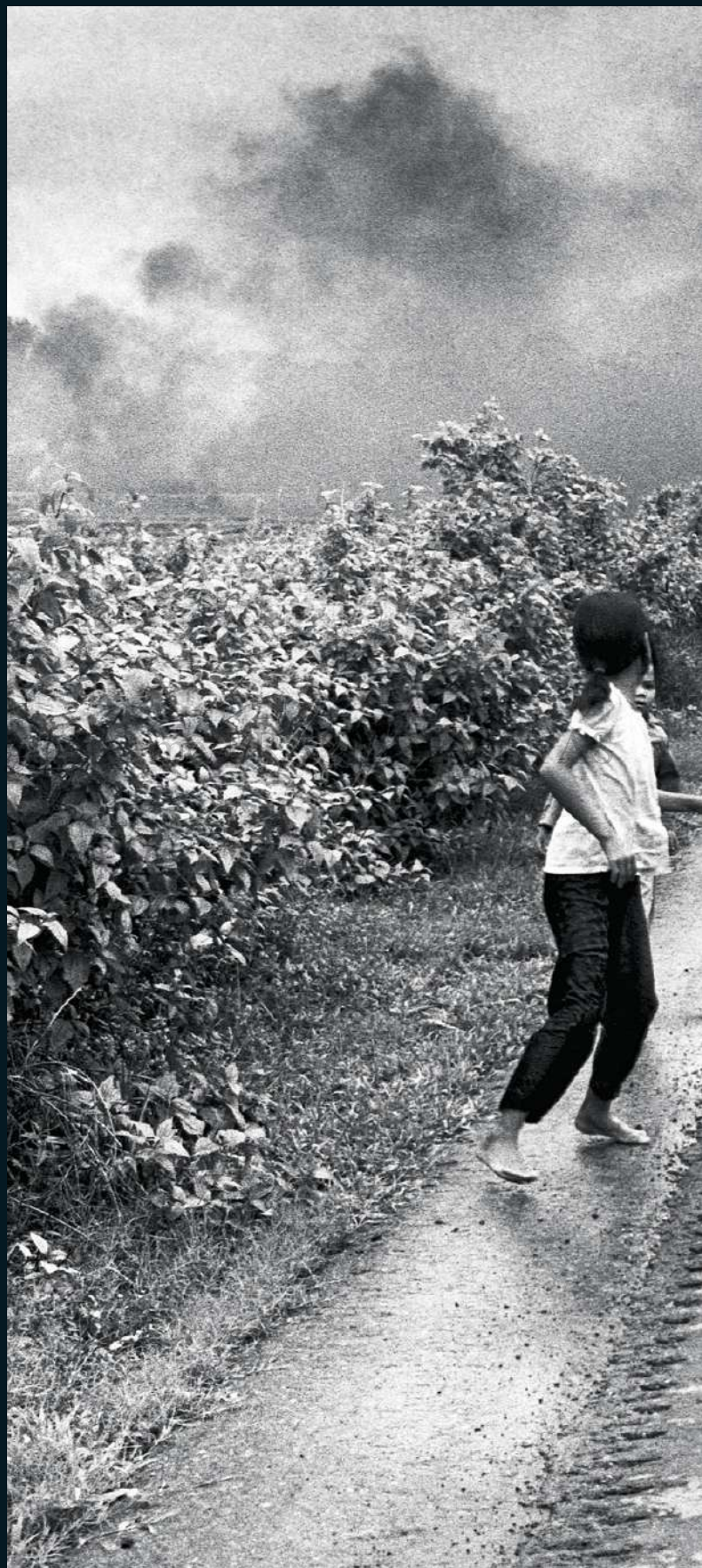
50 ANOS DA FUGA E FOTO DO HORROR

Apesar de toda a barbaridade e destruição causada pela Guerra do Vietnã, as atrocidades do conflito só foram assimiladas pelo público depois da exposição da premiada fotografia de Nick Ut, da agência Associated Press, feita em 8 de junho de 1972 na aldeia de Trang Bang. Considerada uma das imagens definidoras da guerra, por ironia, quase não foi publicada na época.

Isso porque um dos editores da AP achou que a imagem de uma garota, a Phan Thi Kim Phuc, de 9 anos, em nu frontal não poderia ser transmitida, pois violava as regras internas da agência. No entanto, após negociações com a direção, a foto foi liberada.

Quatro décadas depois, porém, uma nova censura surgiu. Desta vez no Facebook, onde foi banida em 2016 por ser categorizada como pornografia infantil. “Embora reconheçamos que esta foto seja icônica, é difícil criar uma distinção entre permitir a fotografia de uma criança nua em um caso e não em outros”, dizia uma nota da rede liberada à imprensa. Horas depois, a decisão foi revogada: “Após ouvir nossa comunidade, analisamos novamente como nossos padrões comunitários foram aplicados neste caso. Presume-se que uma imagem de uma criança nua viole nossos padrões da comunidade e, em alguns países, pode até se qualificar como pornografia infantil. Neste caso, reconhecemos a história e a importância global dessa imagem ao documentar um momento específico no tempo.”

Questionada sobre a censura inicial do Facebook, a menina Kim Phuc, já adulta, declarou: “Estou triste com aqueles que se concentrariam na nudez na imagem histórica e não na poderosa mensagem que ela transmite. Apoio inteiramente a fotografia documental tomada por Nick Ut como um momento de verdade que captura o horror da guerra e seus efeitos sobre vítimas inocentes”.





Entrar em nosso Canal no Instagram @me/BRASILKI

NOS AJUDE A PROTEGER A VIDA



Entre em <https://www.casaparamim.com.br/REVISTAS>

#JuntosÉpossível
doe.wwf.org.br

O WWF-Brasil desenvolve, há mais de 23 anos, projetos e iniciativas de conservação do meio ambiente para que a sociedade brasileira conviva em harmonia com a natureza, em benefício das gerações atual e futura.

www.wwf.org.br

SIGA NOSSAS REDES
WWF-Brasil



ISBN: 9786557940242



9 786557 940242

EDIÇÃO 229 | JUNHO/2022

R\$ 20,00

Brasil Jornais

Entre em nosso Grupo no Telegram!

Acesse t.me/BrasilJornais



Tenha acesso aos principais jornais do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!